VIDA MUNDIAL
ILUSTRADA
SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES

A CANTORA MARIA TERESA BARCELOS
(Ver entrevista na pág. 15)
(Foto Silva Nogueira)

ANO V
PREÇO AVULSO 1$80 ~ 31 DE JANEIRO DE 1946 N.º 245

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR:
JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR:
PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE "VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA"

PRIMEIRA COLUNA

FRIO

POR ANÍBAL NAZARÉ

NESTE dia de inverno, em que os transeuntes passam, enregelados, faz-nos mais frio ver aquela petizita friorenta que pede esmola para a mãe, que espera, sentada num portal. A mãe não é velha de idade, mas deve sê-lo de desgostos ou de doença. E a garôta, que mais de cinco anos não terá, anda descalça, esfarrapada, sem um agasalho, sobre as pedras da rua, que devem ser de gelo...

Passa gente, e o próprio frio lhes faz esquecer a caridade. É aborrecido ter de parar, tirar as luvas, meter a mão à algibeira — tudo pela insignificância duma moeda de cobre para a petizita que esmola. Mas ela teima, teima, e o seu sorriso parece comover uma senhora que passa. A nós, que estamos observando a cena, alegra-se-nos a alma.

Alguém parou, alguém teve pena daquele pedaço de carne que gela ao frio da cidade. A senhora abriu a bolsinha, tirou um tostão, deu-o à garôta e, olhando a mãe, que a fitava agradecida, do portal, comentou:

— Que estupidez! Deixar uma criança desta idade andar, quase nua, a pedir esmola com um frio destes!

A senhora afastou-se, e, pelas faces da pobre, vi correr duas lágrimas — que o frio não conseguiu transformar em gelo.

E foi então que eu dei a minha esmola, de dinheiro e de palavras. O dinheiro não interessa — mas as palavras foram estas:

— Não faça caso. Uma senhora, lá por andar de chapéu e casaco de peles, também tem o direito de ser estúpida!...

O sr. Ministro da Economia e outras entidades na inauguração do «Solar do Velho Porto»

No Centro Cultural Português, o jornalista Leopoldo Nunes realizou, há dias, a sua conferência intitulada «O pobre homem da Póvoa de Varzim».

O Chefe do Estado inaugurando, na Sociedade Nacional de Belas Artes, a exposição póstuma de Mestre Roque Gameiro.

"Romance duma refugiada polaca"

UM LIVRO DE FERNÃO DANTAS DA GAMA

«Vida Mundial Editora» acaba de publicar o «Romance duma refugiada polaca», uma obra do escritor e médico portuense Dr. Fernão Dantas da Gama.

Trata-se dum livro que prende o leitor da primeira à última linha, escrito em estilo fácil mas elegante, obra notável de observação.

Em redor da figura principal do romance surgem outras, cuja vida e acções igualmente nos interessam, e que fazem do «Romance duma refugiada polaca» uma obra de real merecimento, e por isso reservada a um êxito invulgar.

Este cozinheiro anão prova a sopa com a consciência duma «pessoa grande»...

Os homens não se medem aos palmos

A literatura apoderou-se do anão para lhe alimentar a disformidade... Hugo traçou uma caricatura hedionda com o seu *Quasimodo*, e René de Pont-Jest, o autor de «A Aranha Vermelha», fez dele um aborto; Dumas serviu-se do anão como dum odioso bobo; Eterne tornou-o um sêr humilhado e revoltado; e Dostoiewsky, ao esboçar na «Voz Subterrânea» o retrato psicológico do pobre-diabo filosófico, diz-nos que ele *«era quase tão desconfiado como o anão»*. A nosso ver o anão é apenas um homem de pequena estatura, que ultrapassa, às vezes, a «altura moral» dos homens vulgares. A sua pouca estatura não o impede de possuir uma inteligência desenvolvida. Há grandes homens, entre os anões. A sensibilidade artística e a imaginação criadora não são atributos do homem de 1m,60... A única diferença é o anão viver como que um pouco isolado entre uma humanidade que aos seus olhos se apresenta como um mundo de gigantes. Hábitos e gostos, naturalmente diferem das predilecções e dos costumes do homem normal. O ambiente social em que têm de conviver deve ser-lhes hostil. Daí o procurarem a convivência com homens do seu tamanho. Evidentemente que uma mulher com 49 centímetros de altura não pode esperar que um dos nossos «D. Juans» lhe faça a côrte. Amará àquele que, como ela, fôr um liliputiano.

É por isso que nos principais centros cosmopolitas do mundo, os anões, sem diferença de origens, de idioma ou de raça, se juntam para viver como em família, constituindo como que uma Terra Prometida — um continente àparte.

O anão que vive entre anões, deixa de ser o homenzinho que nós, os «gigantes», metemos a ridículo com a inconsciente superioridade dum sorriso grosseiro. Podem, enfim, ser «eles mesmos», longe do olhar hipócrita da complacência ou da ironia agressiva daqueles que os julgam uns bonecos de carne e osso, vindos a este mundo para se exibirem no circo...

Unidos por uma solidariedade fraternal, fazendo uma existência comum, reconhecem melhor a sua condição de homens como qualquer de nós... Sem receio da nossa infeliz troça, podem exprimir à vontade os seus sentimentos: amar, mesmo quando se tem 50 centímetros de altura, rir, conversar, até chorar, porque lá fora o «mundo dos outros» não vai surpreender a tranquilidade do seu lar. Vivendo entre os seus semelhantes, o anão é o homem feliz — caso raro de humanidade que deve dar que pensar a muitos filósofos de estatura razoável e de pouca altura na reflexão...

Pelos modos, bem se vê que não são crianças...

AS ELEIÇÕES DOS NOVOS CORPOS GERENTES DO SPORT LISBOA E BENFICA

A mesa, a que presidiu o jornalista Roúl de Oliveira, director de «O Mundo Desportivo»

Dois aspectos da assistência à eleição dos novos corpos gerentes do S. L. B.

Numa assembleia geral que ficará célebre, pois durou das vinte e uma e trinta às dez da manhã, os sócios do Benfica elegeram, há dias, os novos corpos gerentes do popular clube.

Assistiram cerca de mil e quinhentos associados, número «récord» em reuniões do género, e contou-se o número, também «récord», de 2.375 listas.

Com 22 meses: Toca, de ouvido, pedaços da «Rapsódia Hungara»!

Com 4 anos: Dirigindo uma banda infantil!

Com 3 anos e meio: Aqui está ele executando uma das mais difíceis passagens da Sonata «Appassionata», de Beethoven!

Com 8 anos: No seu laboratorio, em casa, resolve problemas da Universidade!

HISTÓRIA

Dum menino que nasceu sábio...

CHAMA-SE Merrill Kenneth Wolf, e tem 14 anos de idade. Acaba de se graduar pela Universidade de Yale, nos Estados-Unidos.

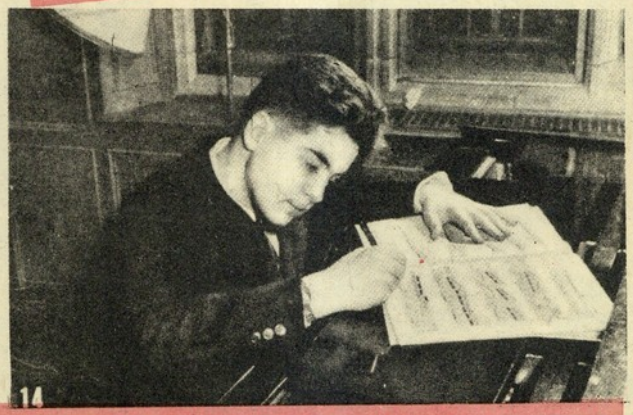
Aos doze meses, Merrill já sabia ler, e aos vinte e dois tocava, de ouvido, a «Rapsódia Hungara», de Liszt! O seu «coeficiente de inteligência» é de 182, apenas 22 pontos menos que Einstein!

Antes dos oito anos, já lia Aristofanes, aprendia música, química e matemática! E aos oito, compôs a sua primeira sinfonia!

Merrill entrou, aos dez anos, para a Universidade, salientando-se em química e matemática, e aos doze foi para Yale, uma das mais célebres Universidades do mundo, onde, agora, se graduou!

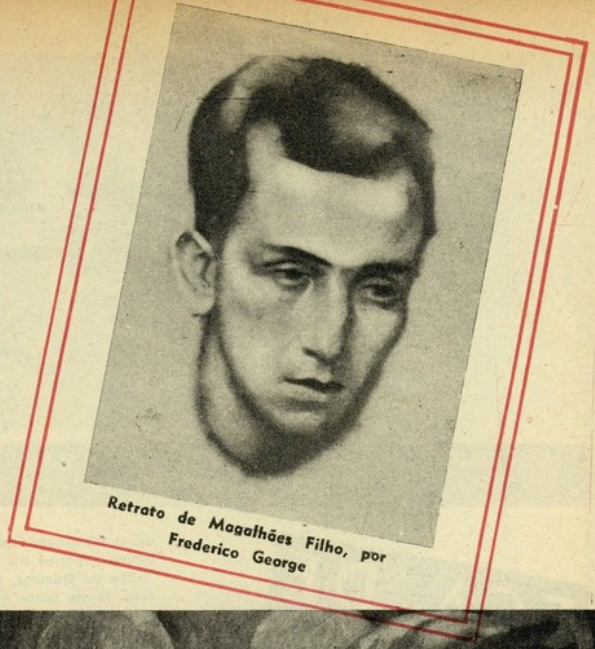
Tem 14 anos! Até onde chegará a rara inteligência deste rapaz americano?...

Aos dez anos: Na Universidade de Western Reserve, discute química com o professor!



Já com 14 anos, idade actual: Compondo uma das suas sinfonias!

«A Fêmea», foi o título que o artista deu a este expressivo óleo



Retrato de Magalhães Filho, por Frederico George

A ARTE INQUIETA DE MAGALHÃES FILHO

No grande movimento de renovação das artes plásticas nacionais, a que não têm faltado as incompreensões e os entusiasmos calorosos, próprios das transformações estéticas profundas, o pintor Magalhães Filho escolheu por vocação e por inteligência uma das posições mais difíceis. Há, como ele, outros pintores de características universais que fugiram definitivamente ao amaneirado, ao regional, ao vulgar e procuraram em interpretações originais e audazes de motivos comuns ou de temas concebidos uma forma de expressão revolucionária da vida; mas este artista representativo da geração dos 30 anos foi, seguramente, um dos que souberam até hoje afirmar melhor a continuidade de um espírito e de uma técnica, criando obra de significação definitiva.

Duas características fundamentais se destacam nos seus quadros: a inquietação e a capacidade técnica invulgar. Inquietação não quer dizer incerteza na pesquisa de um estilo e de meios expressivos, mas audácia reflectiva, constante atenção à vida interior e às suas revelações inesperadas, ansiedade no acto de criar como se estivesse, realmente, a fazer nascer do cáos ou do nada um mundo com significado intrínseco. Capacidade técnica não é, em Magalhães, uma especiosa e medíocre submissão aos métodos e o domínio inerte de processos picturais que todos podem apreender, embora não praticar, mas sim o conhecimento profundo e pessoal das possibilidades do pincel e da tinta postos ao serviço de uma personalidade desenvolta que não se contenta com soluções banais.

Por ambas as razões tem a arte de Magalhães Filho uma profunda e forte tensão interior que transparece na aparência hirta das suas figuras ou na feição imóvel, suspensa e espectante da paisagem. A expressão revolucionária da sua técnica é estimulada e alimentada por uma sensibilidade de visionário que contém a fantasia em formas estáveis, quietas e solenes como símbolos religiosos. Possui ainda a cultura artística e intelectual que enriquece de sentido e de referências esclarecedoras a sua obra. De tendência nitidamente surrealista — e sabe-se o que representa esta corrente na renovação de todas as artes contemporâneas — Magalhães Filho ocupou dentro da escola, se assim pode chamar-se ao que é apenas inclinação genérica e espírito transcendente na criação da obra de arte, um lugar sem comparações nem afinidades próximas. Sendo revolucionário o surrealismo, Magalhães é ainda revolucionário dentro da corrente surrealista. Por isso se afigura difícil ou mesmo impossível compreendê-lo aos espíritos muito fechados na experiência das velhas escolas e, sobretudo, do que é medíocre, banal e comum em todas elas.

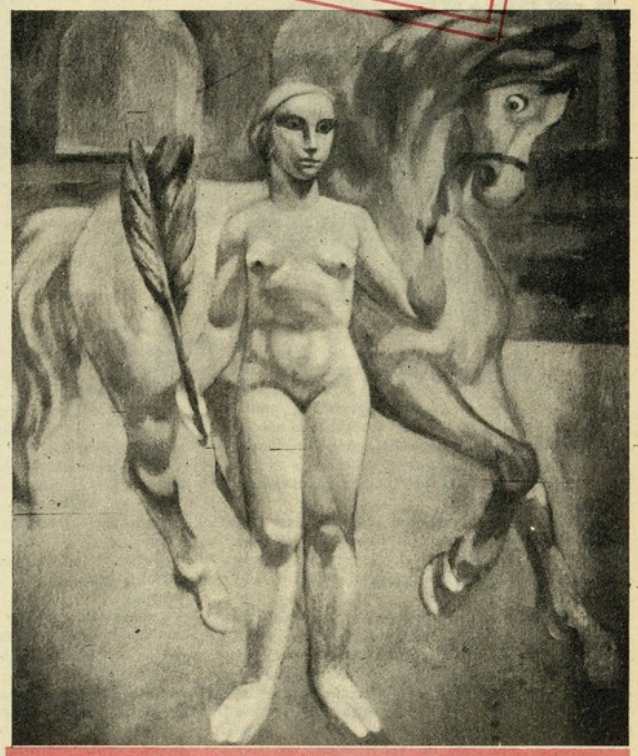
Um pintor que seja imediata e fàcilmente compreendido, em tôda a plenitude do que pretendeu exprimir, pelos espíritos vulgares; que transmita a sua mensagem sem esforço nem perturbação; que está patente nas suas possibilidades e no conteúdo de uma visão da vida aos olhos de todos — não é um artista mas um meteco. Nem toda a gente, mesmo nas camadas esclarecidas, compreendeu e aceitou esta realidade — mas sem ela não pode perceber-se, realmente, a personalidade e a obra de Magalhães Filho.

Este pintor, ainda jovem e cheio de interrogações, não se perde em passatempos. Produz com regularidade, persistência e método os seus quadros, visando à beleza absoluta e não à relativa — beleza que se contenha na interioridade do que representa e não na fácil harmonia da côr ou dos pormenores puramente externos.

Assim tem trazido ao conjunto já vasto e triunfante da arte moderna portuguesa o que lhe é mais necessário: obras de expressão profunda, inovadora, radical, sem tergiversações. Ele mesmo chama as suas «obras totais» a uma série já longa de quadros em que conseguiu vincar fortemente o seu carácter de artista. Entre eles se destacam «A Ponte», «Carroussel», «Ascensão», «Natividade», «Morte súbita», «Olímpiadas», «O Circo», «A Cheia», «Operário», «Cristo» e outros de definida personalidade artística.

Uma das suas criações mais recen-

(Continua na pag. 14)



«Olímpiadas», revela grande originalidade

«Barcos» — um trabalho notável

No seu «Mail-Coach», o Conde de Fontalva, com Fernando de Eça Leal, nos concursos hípicos nos terrenos de Palhavã, organizados por aquele titular

EÇA DE QUEIROZ ENCONTRA HAMLET NUM BAILE

NO quarto andar do número 26 do Rossio, residência dos pais de Eça de Queiroz, meus tios, contou o grande romancista, numa noite, depois de jantar, aos seus amigos e parentes, uma história passada há muitos anos, com ele e com Alfredo Anjos, mais tarde Conde de Fontalva, num baile, no palácio da senhora Duquesa de Palmela.

Esta senhora, que como todos sabem, era uma verdadeira fidalga, dava nesses tempos sumptuosas festas, sendo sempre uma delas no Carnaval, e que, segundo se dizia, era talvez a mais animada de todas.

O Conde de Fontalva tinha então aparecido na grande Sociedade cheio de mocidade, riquíssimo, com uma bela figura, irradiando simpatia e distinção, janota impecável, apresentando lindas equipagens e belos cavalos. E, tão depressa conquistou o nosso meio elegante, que Sua Majestade a Rainha D. Maria Pia, distinguia-o sempre, encarregando-o de organizar touradas de beneficência em que Sua Majestade era presidente da Comissão de Senhoras. Nessas corridas, que se realizaram nas praças de Cascais, Sintra e Campo de Sant'Ana, toureou Fontalva, muitas vezes, com Carlos Relvas, D. Luís do Rêgo, Marquês de Castelo-Melhor, Conde de S. Martinho, Alfredo Marreca, Visconde de Alverca e outros. Foi ele um dos fundadores do Turf-Clube e a alma das corridas de cavalos e dos concursos hípicos.

Dando a senhora Duquesa de Palmela, num desses anos, o seu acostumado baile de máscaras, convidou o Conde de Fontalva, que nele se apresentou ricamente vestido de Hamlet.

Esbelto, como ele era, fez, logo de entrada, sensação! Era, positivamente, o enigmático príncipe da Dinamarca. Alto, loiro, pois levava uma bela cabeleira, pensativo, ar sombrio, estava, enfim, bem dentro do célebre personagem de Shakespeare. Depois de ter falado a muita gente, de ser felicitado pelo sucesso que estava fazendo, e admirado pelas senhoras, dirigiu-se, sem querer dar nas vistas, para um largo corredor, e espreitando para uma das salas, dá com a confortável biblioteca da casa. Não vacila, entra, fugindo assim às valsas, que ele detestava, e dispõe-se a fumar um bom cigarro.

Sentou-se numa cómoda cadeira defronte do fogão e depois de umas fumaças atiradas para o ar, ficou olhando para a lenha, que ardia, até que pouco a pouco foi adormecendo...

Eça de Queiroz, que também não dançava, cansado já de tanta cavaqueira, lembrou-se de se ir refugiar na biblioteca, que ele conhecia bem, como amigo da casa, para repousar um pouco. Mas ao entrar, depara com Fontalva naquela posição de príncipe encantado...

Não resiste. Vai procurar a senhora duquesa, que naquele momento se encontrava a um canto da sala de baile conversando com a senhora Condessa de Ficalho e com outras senhoras.

Aproximando-se do grupo, e voltando-se para a dona da casa, diz-lhe com ar sorridente: — «Senhora duquesa, acabo de admirar na sua biblioteca um novo quadro, que não conhecia, e que me deixou maravilhado!».

— Mas, Eça de Queiroz — respondeu-lhe a duquesa, muito intrigada — como é que isso pode ser, se ultimamente não comprei nenhum quadro para a biblioteca?

— Então, peço-lhe, senhora duquesa e minhas senhoras, que me acompanhem.

Seguido por elas, pararam todos à porta da sala. Fontalva continuava adormecido na mesma posição, com o rosto encostado à mão direita, perna traçada e a sua doirada cabeleira iluminada sòmente pela luz que vinha do fogão.

Era, realmente, um lindo quadro! As damas, maravilhadas, começaram a entrar, pé ante pé, muito em silêncio. Rodearam-no e iam acordá-lo, quando Eça lhes diz, apressadamente, em voz baixa:

— Por Deus, minhas senhoras, não acordem Hamlet. Deixem este lindo príncipe continuar a sonhar!...

Decorridos muitos anos, pertencendo eu ao número dos amigos dedicados de Fontalva, de quem nunca me poderei esquecer, pessoa deveras encantadora, afável, simples e bondosa, recordei-lhe numa noite, no seu palácio de S. Mamede, a história que acabo de contar. Seguindo-a, com muita atenção, sorria-se umas vezes e outras abanava a cabeça, como confirmando. Depois, quando acabei, seguiu-se um curto silêncio, que foi cortado por ele:

— Como o meu amigo me fez bem em recordar tudo isso! Era bem novo nesse tempo, e que saudades eu tenho dessas boas épocas! Mas, pelo que vejo, não sabe o resto, o que me aconteceu! O pior, o mais trágico, é que acordei tão tarde que fui o último a sair do baile!

FERNANDO DE EÇA LEAL

O Conde de Fontalva, no Hipódromo de Belém, numas corridas de cavalos por ele promovidas

Um novo artista do Cinema Português

UM amigo comum apresentou-nos, há dias, na «Brasileira» do Chiado, um novo artista de cinema — Carlos Velosa. Aquele nome e aquela cara não me eram estranhos. Vira-o onde quer que fosse. De súbito, recordei-me: foi quando, em 1939, regressava do Brasil. O barco chegou já de noite ao Funchal e tinha que se demorar. Farto da viagem, desembarquei. Não podia apreciar as afamadas belezas da ilha da Madeira, mas havia de quebrar, de qualquer forma, aquela monotonia da vida de bordo. Informaram-me que, naquela noite, havia festa no Teatro Municipal. A casa estava passada, mas como os madeirenses são tradicionalmente amáveis, em especial com os seus hóspedes, um rapaz que encontrei no «Theo's» — que é um café-restaurante elegantíssimo, como não há ainda em Lisboa! — gentilmente me cedeu um bilhete. Representava-se uma revista.

Em regra, os «amadores» são detestáveis. Mas, daquela vez, surpreendeu-me o trabalho dum rapaz que me aparecia como uma fantástica revelação, como um artista consumado. Terminado o espectáculo, agradeci ao amigo que encontrara no «Theo's» a sua gentileza e manifestei-lhe a minha sincera admiração por aquele rapaz que tão magistralmente interpretava o seu papel.

O meu interlocutor conhecia-o, e quis apresentar-mo, mas não foi possível, porque era preciso regressar a bordo.

Como o tempo corre! Já lá vão quase seis anos. E como o mundo é pequeno! Estava tão longe de encontrar ali, sentado numa mesa da «Brasileira» do Chiado, *já lançado*, aquele rapaz com a vocação dicidida para a cena que eu descobrira por um mero acaso, numa noite em que, para matar o tédio que traz uma longa viagem entre o céu e o mar, fui assistir a uma festa no Teatro Municipal do Funchal!

— Como se resolveu pelo cinema?

— Vim com o propósito de fazer teatro, mas encontrei dificuldades no Conservatório, e só este ano é que resolvi inscrever-me como aluno.

— Qual foi a sua estreia como actor de cinema?

— Como actor não, como principiante em «Um Homem às Direitas»... Virgílio Teixeira, meu conterrâneo e grande amigo desde o Liceu, deu-me uma «entrada»... Mais tarde fui apresentado a António Lopes Ribeiro, que me garantiu que entraria num dos seus filmes. E como homem de palavra cumpriu a promessa, dando-me um papel no «Trinca-Fortes», pelo que lhe estou muito reconhecido.

— Ah! Entra no «Camões»!

— Exactamente. Desempenho o papel de um dos amigos do poeta.

E, a propósito, Carlos Velosa tem palavras de admiração por Leitão de Barros, a quem está muito grato, pois o tem orientado e aconselhado dentro dos estúdios.

Quisemos saber mais:

— E já tem novos contratos?

— Contratos não tenho, mas já me falaram para dois novos filmes... Vamos a ver...

CALÇADA DA GLÓRIA

ELEGÂNCIA

Eduardo Dias e Rodrigues Cavalheiro publicaram agora um livro interessantíssimo, *Memórias de Forasteiros*, a que a *Vida Mundial Ilustrada* já se referiu. Cumpre-me, agora, chamar a atenção para esta particularidade: os dois autores, para que nenhum deles tivesse a primazia, resolveram assinar o volume, na capa «Rodrigues Cavalheiro e Eduardo Dias» — e, na lombada, «Eduardo Dias e Rodrigues Cavalheiro». É o que se chama a camaradagem de casaca de sêda, a galanteria de cabeleira empoada. Estamos, assim, em face, não de um, mas de dois perfeitos cavalheiros!

AMBIÇÕES

Há dias, um sujeito pobremente vestido, de cabeleira ao vento, dirigiu-se-me, descia eu a rua da Misericórdia. Eu nunca o tinha visto, mas parei a atendê-lo. O homem expôs-me as suas ideias políticas, confessou-se-me um «revolucionário intelectual», e falou-me dum jornal que se propunha lançar. A certa altura, decidi continuar descendo a rua, e quando chegámos ao Largo das Duas Igrejas resolvi perguntar ao «ilustre desconhecido» o que quéria ele, afinal, de mim. O homem objectou:

— V. Ex.ª conhece já os meus objectivos, não é verdade?

— Creio que sim... — respondi-lhe ao acaso.

— Ouso, pois, pedir a V. Ex.a que tenha a bondade de me favorecer com umas calças, que já não use, porque estas que trago estão positivamente em dissolução!

CAUTELA!

O que se tem escrito àcerca de Eça de Queiroz, a propósito do centenário do seu nascimento, atinge dezenas de quilos e dezenas de metros. Poderíamos dizer: centenas. Para muitos Eça de Queiroz tornou-se uma vítima da distância e do pêso. Há nisto um certo fundo de verdade e, porque o reconheço, eu (que não me considero também isento de culpa) daqui exclamo aos queirozianistas ferrenhos:

— Cautela, que estamos matando «a imortalidade» de Eça!

ESTANTE GIRATÓRIA

A «Calçada da Glória» regista e agradece os seguintes volumes que lhe foram enviados: *O Livro do Menino Jesus*, de Aquilino Ribeiro, duzentas páginas em que o grande romancista embala, na sua prosa admirável, o Menino-Deus; *Contos*, de John Steinbeck e de Dorothy Parquer; *Para uma concepção física do Universo*, de Von Weizacker, tradução de Luís Cabral Moncada; *Retrato de Churchill*, sugestiva reportagem em que nos surge, gordo, confiante, imperturbável, fumando o seu infalível charuto, o célebre Primeiro-Ministro inglês; *Iniciação Tauromáquica*, de Jaime Saraiva Lima, em que um advogado ilustre troca a sua toga negra pela capa de côres para nos ensinar — e com que bandarilhas de estilo! — a arte de picar toiros; e *Sol de Agosto, Demo e Rouxinol*, versos de Braamcamp de Baraona Fragoso (Esperança), colectânea de poesias onde dir-se-ia vermos o Amor brincar, em plena ecloga alentejana, como um pequenino demónio côr de rosa.

Abel Salazar

Não é a flor olímpica e serena
Que Junqueiro via n'amplidão distante;
Não tem as formas ideais de Helena,
As formas da beleza alucinante;

Não é tão pouco a mística açucena,
A alva e pura Beatriz do Dante;
Usa calças e tem a côr morena,
E como homem não é muito interessante.

Mas dentro que esplendor, que harpejo!
E já tenho reparado, quando o vejo,
Que sai dele génio a fumegar...

Chama-se Abel... (É a Bíblia, enfim!)
Mas Abel, senhores, lembra Caim
Em luta com Abel... Salazar!

A polícia e o sentimento

Há pouco, numa pacata aldeia portuguesa, deu-se um acontecimento que não pode deixar de sugerir-nos uma lição e um exemplo.

Realizava-se uma récita. De repente, ouviram-se gritos aflitivos. Era uma mulher que dera par falta duma carteira contendo perto dum conto de réis. Correu-se tudo, procurou-se por toda a parte, pesquisou-se, de fósforos acesos, pelas ruas. Nada. A carteira com o dinheiro não aparecia. Com certeza alguém a roubara. Durante dias na aldeia não se falou noutra coisa. Ora, uma semana depois, houve um baile na terra. O mestre-escola teve uma ideia luminosa. Foi lá, esperou um intervalo e chamou à ordem as consciências. Se algum dos presentes encontrara a carteira ou, por mero lapso, a subtraíra à sua legítima proprietária, que a entregasse. Constituia toda a fortuna duma pobre mulher. Era, porventura, o pão duma família. Não. Não podia haver corações tão desumanos que vivessem, tranquilos, da infelicidade alheia. Uma crispação sentimental tocou a assistência. Em muitos olhos marejaram lágrimas. Pouco depois um homem abandonava a sala, dirigiu-se ao domicílio da roubada e, pálido, contrito, pediu licença para lhe devolver a carteira com o dinheiro. Eis, em síntese, o facto.

Agora ponham nele os olhos todos quantos duvidam da persuasão oratória. Poucas coisas tocam tanto o sentimento como a sinceridade da palavra. Bastou o pequeno discurso dum honrado mestre de escola para operar uma redenção, despertando um remorso. Quantas vezes tenho pensado que, em muitas hipóteses, mais útil seria que a polícia, em lugar de trazer engatilhada uma arma, trouxesse engatilhado um discurso! Já o dizia um velho filósofo indiano: «Querem excelentes polícias? Ensinem-nos, não a disparar, mas a comover!».

PÁGINA DE LUÍS DE OLIVEIRA GUIMARÃES

CARICATURA DE SANTANA
VINHETAS DE BORGES COELHO

Uma rapariga provinciana

UM CONTO DE
Aníbal Nazaré
ILUSTRADO POR
Borges Correia

No nome, ela não era diferente das raparigas da cidade. Não tinha, sequer, um desses nomes que evocam campos verdejantes, rosas bravas a brotar à beira dos caminhos.

Tinha, até, um nome de rapariga elegante, um nome que, para quem a não conhecesse, poderia fazer supô-la diferente: — Beatriz.

Era ela a única Beatriz lá da terra. E a culpa fôra dos padrinhos, um casal da cidade que lá passava, todos os anos, dois meses pelo Verão, no tempo em que a mãe era nova e tinha paciência e necessidade de alugar a casa para veraneios. E ela tinha, até, pena de não se chamar Rosa, como a Rosa do Atalho, ou simplesmente Maria, como tantas Marias que viviam espalhadas por tantas casinhas brancas, ao redor...

Depois, aquilo de ser a única Beatriz lá da terra, chegava a ser perigoso e comprometedor. Nas lojas, onde as mulheres se entretêm a conversar, a pretexto de qualquer insignificante compra, no rio onde as lavadeiras-lavam a roupa suja das freguesas e ensaboam as vidas alheias, quando vinha à baila uma Maria ou uma Rosa, podia haver confusão, não se lembrarem bem de qual era... Mas em se falando na Beatriz, era sem discussão, o alvo fácil da maledicência mulherio... Não que ela desse ao para tal, graças a Deus... Tinhas até na conta duma rapariga rara — para pelo juízo, que não pela beleza. Não era ela, aos galanteios dos rapazes, que afirmavam ser ela uma das mais lindas raparigas do lugar, costumava, até, responder com modos quase desabridos: — Eu tenho um espelho lá em casa!

E tinha. Tinha — e costumava rever-se nele, embevecida, quando estava só e não precisava, por laso, de ocultar uma vaidadeziinha que fàcilmente escondia, sob uma falsa modéstia, aos olhos coscovilheiros dos seus patrícios...

A Beatriz sabia-se bonita. E da sua própria beleza fazia um escudo, para se defender do mundo, principalmente do mundo feminino, que, no seu entender, não perdôa a uma rapariga como ela, o pecado de ser bonita...

Realmente, a beleza de Beatriz já lhe tinha causado fortes dissabores. Todos os rapazes da aldeia a queriam namorar; ela não gostava de dizer que não a alguém. Desse algoz-namorão de pulsões em terra tão pequena, viera-lhe uma fama que ela, sinceramente, considerava injusta, mas que, mesmo assim, era um aborrecimento.

Lá porque uma vez fôra surpreendida, à meia noite, a falar a um rapaz, no quintal de sua casa, logo se tinham criado lendas a seu respeito... Ora que culpa tinha ela que o rapaz lhe marcasse o encontro a hora tão tardia? Depois, um dia, dois rapazes chegaram a uma briga, por ela namorar os dois ao mesmo tempo... E ela, inocente e sem culpa de ambos a quererem namorar, mais uma vez tinha sido vítima da maledicência da aldeia... Coisas de terras pequenas...

Ali! Do que ela precisava era de ir viver para Lisboa! Ali, numa grande cidade, ninguém repararia nela, nem com quem falava, nem se namorava dois, ou três, ou meia dúzia! Não havia nada como uma terra grande, para uma rapariga como ela, com a cabeça chela de ondulações e de ambições! Aquilo tudo era muito pequeno, muito mesquinho, muito «pires»...

Culpa, talvez, do tal casal que, chegado o Verão, lá, lá passar dois messes para casa, a Beatriz sentia-se mal entre a gente da sua terra. Os próprios rapazes que namorava — era só por serem rapazes, que de pessoas educadas e capazes de interessar uma mulher, não tinham nada... Ah! Se ela pudesse ir viver para a cidade!

* * *

O acaso, que é, muitas vezes, o orientador da vida duma mulher, quer ela se chame Beatriz ou Maria, antiteve-lhe de desejo, por intermédio do casal de Lisboa, que teimava em ir veranear para a hospitaleira terra. Falou-se dum emprego, da possibilidade de melhor governar a vida e melhor poder ajudar a mãe (que já ia ela não tinha, sem morrera em idade de dele se lembrar), e a Beatriz veio para Lisboa, terra que desconhecia, pela lonjura da aldeia e pouco ou nenhuma possibilidades materiais de viajar. A Beatriz veio para Lisboa. E, que realmente a não enganaram ao menos nesse pormenor, os rapazes que na terra a achavam uma linda rapariga, provas-o o facto de, na cidade, a continuarem a tratar como tinham bonita.

Ur! Finalmente ela se via livre daquela terra provinciana, das mãs línguas do mulherio, e, sobretudo, das tôlas declarações de amor dos rapazes do campo — que ela ouvia e aceitava, apenas porque não tinha por onde escolher! Ia entrar num meio, conhecer outra gente e orgulhar-se de existir de fato, na cidade, homens civilizados, bem diferentes, decerto, dos camponeses, que só sabiam dizer-lhe, naquele seu idioma da aldeia, que ela lhes tem conhecia: — Que bonita que tu és, Beatriz! Que bonita que tu essese...

E ela, às vezes, queria. Queria porque, à falta de melhor, sempre se distraía com aquilo namorão da aldeia, que, ao menos, sempre servia para matar o tempo...

E depois, ela tinha a vaidade de ser aldeã. Adorava que as outras raparigas da aldeia andassem furosas por se verem desprezadas, abandonadas no amor e no interesse dos homens, em benefício e proveito da eleviana da Beatriz, como elas lhe chamavam.

E ela chegava a achar uma honra estar tanto para a fogueira alta de má-língua da aldeia, tudo explicando e justificando com esta frase, que aprendera um dia e lhe fazia muito efeito:

— Ainda bem que dizem mal de mim! Quando não falam de nós é que não nos ligam importância...

Com essas palavras, a Beatriz estava justificada para consigo — e justificada se julgava para com o mundo...

* * *

Beatriz, as raparigas provincianas que o Destino fadara para voar mais alto que até à igreja modesta da sua aldeia — na frase dum estudante que foi passar as férias à terra e ao lado dum pobre pequenote, chegou à capital. E, logo no primeiro dia em que entrou para o seu emprego, sentiu que era ali mesmo, onde o Destino a conduzira, que ia desenrolar-se o romance definitivo da sua vida. O patrão, velho endinheirado e doente que ainda teimava em dirigir, pessoalmente, os seus negócios, apresentou-a ao gerente — um homem de trinta e poucos anos, elegante, de maneiras amáveis e cativantes, que logo aos olhos de Beatriz se afigurou o seu ideal. E como ao gerente também não foi indiferente a beleza da nova empregada, o namoro começou, com aquela velocidade das paixões à primeira vista, que os últimos modelos de avião ainda não conseguiram igualar...

Saíam juntos, à tarde, encontrava-se à hora do almoço, pareciam não viver senão um para o outro. E tudo, nele, era um motivo de êxtase para ela: — as unhas sempre brilhantes, a elegância dos fatos, a maneira de falar... Ah! Aquele sim! Aquele bem se via que era um homem da cidade!

E quando, em suas recordações, passavam as figuras ridículas dos seus namorados de aldeia, a Beatriz tapava o rosto com as mãos e confessava-se envergonhada de si própria! Fala como pudera ela perder tempo com aquilos!

Nas cartas, dirá à mãe que encontrara, finalmente, o homem dos seus sonhos — um senhor da cidade, que ganhava quatro contos por mês, vestia como um príncipe e tinha as mãos bonitas como as duma mulher elegante — bem diferentes das mãos calejadas dos rapazes do campo — tão grosseiros e inconscientes que não bestiavam em passá-las pelo rosto duma rapariga como ela!

O Ernesto era diferente — muito diferente mesmo. É certo que, ao contrário de todos os seus namorados anteriores, declarara-lhe, abertamente, que detestava o casamento, e mais — que nunca se casaria...

Mas que os casamento não dá felicidade a ninguém, era, também, uma das frases que aprendera um dia, e com a qual não via razões fortes para discordar...

E a vida continuava... Até quando? Que lhe importava a ela! Alguém se lembrara, algum dia, de perguntar até onde corria o rio que passava lá na aldeia? E, no entanto, todos se aproveitavam da sua passagem...

* * *

A Beatriz não gostava de escrever à mãe quando o seu senhor estava presente. (Ela tratava-o assim, desde que ele a tirara do emprego e lhe pusera casa para os lados de Gomes Freire). Queria escrever a respeito dele, contar-lhe coisas que, aliás, eram elogiosas para ele — mas não queria, não gostava que ele as lesse...

Mas um dia ele entrou inesperado,

(Continua na página 14)

PREFERIR
Guimar, Lda
PARA DECORAR
183, Rua da Prata, 187, Tel. 2 46 96, Lisboa

PÁGINA LITERÁRIA
por Álvaro Salema

A expressão de uma vida ou de uma obra em memórias parece ser, ao mesmo tempo, obra das mais fáceis e das mais difíceis em literatura. Das mais fáceis, porque a passagem da concepção à forma se efectua com a adesão inteira, flagrante e sincera da personalidade, sem desdobramentos nem inflexões laboriosas. É a própria vida interior, sem recordações ou meditações que transita para a expressão literária — e tão justamente quanto maior fôr a sinceridade do testemunho. Das mais difíceis porque é preciso, realmente, ter uma vida exterior ou íntima muito rica, muito significativa no aspecto humano ou no aspecto histórico, para que as «memórias» representem alguma coisa e constituam mais do que um relatório insuportável e pedante.

Também na composição é preciso conservar sempre a vivacidade, o sentido do interesse flagrante, o conhecimento muito fino do que toca realmente os espíritos e os faz comungar num estado de consciência idêntico, para que a obra tenha «carácter».

É «carácter» precisamente, o que pode e deve exigir-se de «memórias» pessoais; e elas serão tanto mais influentes, tão representativas de uma época e de uma personalidade quanto se integrarem mais fortemente no espírito de quem as ler, por esse estado de graça que a boa literatura suscita. E boa literatura será neste caso, a que se define pelo estilo, pelo drama e pela forma, bem como a de significação histórica mais duradoura. No seu largo âmbito de género, a literatura memorialista pode ser dos mais belos e poderosos testemunhos de uma época.

FACA DE PAPEL

* O economista F. Ramos da Costa publicou em caderno da «Seara Nova», o vigoroso e flagrante estudo «O desamparo do trabalho e a democracia económica», em que soube condensar os aspectos fundamentais da situação dos trabalhadores perante a economia contemporânea. Obra documentada e veemente, Ramos da Costa exprime nela o sentimento vivo da sua geração.

* A Livraria Bertrand editou o trabalho divulgador e com elevada significação literária «Jóias da poesia hispano-americana», antologia de traduções dos grandes poetas daqueles países. Os versos são precedidos de curtas biografias e sínteses críticas reveladoras para os leitores.

* «O problema venatório português» é um longo e documentado estudo do Dr. J. Freitas Cruz sobre as questões da caça no nosso país. A parte mais interessante e de mais geral significado para quaisquer leitores é a sumária história da caça através dos séculos, que o autor expõe com vivacidade e bom sentido literário.

LIVRARIA ECLECTICA
LIVROS NOVOS E USADOS
Compra grandes e pequenas bibliotecas
Calçada do Combro, 58 — LISBOA

CRÍTICA DE LIVROS

«A POESIA DE TEIXEIRA DE PASCOAIS», por Jacinto do Prado Coelho

Jacinto Prado Coelho apresenta-se neste ensaio sôbre o difícil têma da personalidade e da obra de Pascoais como investigador cuidadoso, metódico e inteligente — mas talvez demasiado cingido ao restrito critério que tem da crítica o nosso ensino universitário. Classifica e difine, com muita justeza quási sempre, as peças fundamentais do temperamento artístico e da obra do poeta; mas há nêle, consciente ou não, uma espécie de receio pelas teses ousadas, uma suspensão estranha no acto de julgar e explicar e, para dizer tudo, uma espécie de fluïdez de pensamento que não chega a condensar-se em fortes sínteses. É insuficiente êste livro para se concluir da índole intelectual dêste estudioso, dotado de evidentes qualidades e sério no seu processo de trabalho; mas pode, talvez, afirmar-se com certa segurança que o molde da actividade escolar — mais descritiva do que teorizante, mais introdutória do que pròpriamente explicativa — ainda predomina em excesso na sua criação literária. Isso justifica que Prado Coelho deixe arrastar-se a exageros, como o de colocar Pascoais na «família dos grandes inspirados» como Dante ou Goethe; que considere «religiosa no sentido goethiano a atitude do poeta; que não reconheça o patológico distanciamento da realidade e da vida expresso na sua obra; que não compreenda o sentido anti-humano e o egoísmo lúgubre do seu isolamento. Também nada autoriza afirmar que Pascoais seja intérprete fiel da «terra portuguesa», pois, sob o aspecto que Prado Coelho quere vincar êle é, apenas, homem do Marão e do vale do Tâmega ou que nêle exista tão forte desejo de claridade formal como pretende.

Para realizar obra flagrante e fecunda no rumo que escolheu, aproveitando as brilhantes faculdades de inteligência compreensiva que possue, Jacinto Prado Coelho precisa de ultrapassar o seu estilo de compreensão quási inerte, fugir ao excesso de cláusulas próprio da «crítica» universitária, definir mais vigorosamente e fortalecer a opinião pessoal.

«MEMÓRIAS E TRABALHOS DA MINHA VIDA» — IV volume — por Norton de Matos.

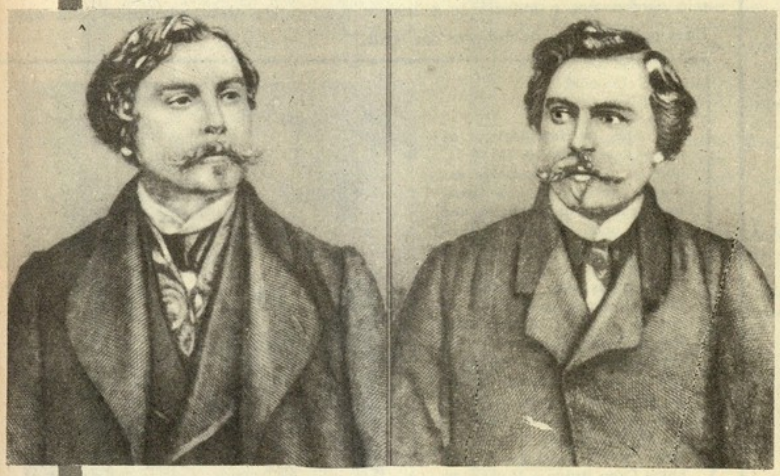
Quando se publicou o primeiro volume desta obra extensa e variada — tão variada e extensa como a vida que exprime — escreveu-se nesta mesma página que ela não oferecia aos novos um roteiro certo de exemplos e experiências. O primeiro volume tinha predominante significação doutrinária em matérias económicas e sociais, bem como em matéria política, no que respeita às questões de colonização — e dentro desse carácter se opôs aquela observação pessimista. O 1.º volume, que recentemente foi publicado, tem significado quase exclusivamente histórico. E enquanto o primeiro revelava uma concepção político-social da vida que parecia voz muito remota em face da crise fundamental da nossa época, este último já figura, com a sua índole definida, como expressão forte e aliciante de uma existência plena.

É a própria personalidade de Norton de Matos que aí se apresenta inteira — moldada no aço da acção construtiva e enérgica, com a consciência plena dos seus desígnios e recursos, decidida a executar no plano acidentado da criação político-social uma obra generosa e fecunda. A política de intervenção portuguesa na guerra de 1914-18 revelou uma única individualidade à altura dos acontecimentos e com o sentido pleno dos fins decisivos que se jogavam nela: o general Noron de Matos. E o que há de mais interessante e mais rico nestas «memórias» — sem o desencontro de formações ideológicas que foram ultrapassadas pelo tempo — é a inserção dessa individualidade forte, segura de si, compreensiva dos homens e capaz de jogar com eles ou contra eles, na tela variegada dos factos. Trata este volume de política colonial na primeira fase da guerra; versará o segundo a preparação e o desenvolvimento da intervenção militar de Portugal no conflito.

Já se pode verificar que as «Memórias» de Norton de Matos atingem neste sector da obra o seu mais alto interesse e significação nacional e humana — porque foi nesse mesmo período da vida do autor que ele viveu *decisivamente*. As «memórias» só atingem grande e profundo sentido, seja quem fôr que as subscreva, quando o autor se retrata nelas vigorosamente ou com igual vigor representa para a posteridade uma obra vasta, na arte ou na vida. E é aqui, em pleno esforço de responsabilidade política que o homem generoso, enérgico, veemente nas suas convicções e na fidelidade dos actos, perante elas avulta com plenitude.

Mesmo a compreensão dos factos contemporâneos, interna e externamente, ressalta com muito maior força nesta expressão histórica de uma obra do que na sua expressão doutrinária. Com este volume das suas «Memórias» e, portanto, através da sua profunda e nobre experiência e não de uma doutrina que muitas vezes nega os que a vivem, Norton de Matos vem ao encontro dos que vêem nele, sob tantos aspectos, um exemplo humano representativo.

ALVARO SALEMA



OS GONCOURT E O TEATRO NOVO

A renovação do teatro em Portugal, para além dos êxitos mundanos, fictícios e medíocres que aí se ostentam, está a ensaiar os seus primeiros passos no ambiente restrito dos que são capazes de a compreender e de a desejar. Existe, sem dúvida, a aspiração genérica muito definida em que o teatro novo virá a integrar-se e de que se revelaram já afirmações vigorosas no romance e, até certo nível, na poesia; mas não houve ainda condições externas, tão necessárias no domínio artístico do teatro, para que ele se impusesse como movimento definitivo e bem enquadrado no seu tempo. Nem o seu êxito, como o de qualquer transformação profunda e séria no domínio da arte, poderá alcançar-se sem muitas incompreensões e, o que é pior, sem muitas indiferenças.

Sirva de exemplo a experiência inovadora dos irmãos Goncourt que intentaram no último quartel do século XIX a expulsão teatral do realismo naturalista, enriquecido pela sua flagrante, dramática e intensa visão da vida. Foi uma verdadeira tempestade que se desencadeou no domínio da crítica quando Edmond e Jules de Goncourt fizeram representar em 1883, no Teatro Livre, uma adaptação ao teatro do seu romance «Germinie Lacerteux».

A imprensa literária da época manifestou-se quase unânimemente contra o realismo vigoroso da obra e foram necessárias toda a coragem e inteligência artística do grande actor Antoine para que as representações prosseguissem.

O realismo novo que pode inspirar, entre nós como em toda a parte, a renovação de um teatro para as massas sem o isoterismo e a transcendência dificilmente acessível do teatro de intenção psicológica exclusiva, terá a apoiá-lo muito mais vigorosas razões humanas. E é sobre elas, na sua significação mais viva e criadora que em Portugal pode tentar-se — e deve tentar-se — uma experiência do teatro novo como a dos Goncourt em França há sessenta anos.

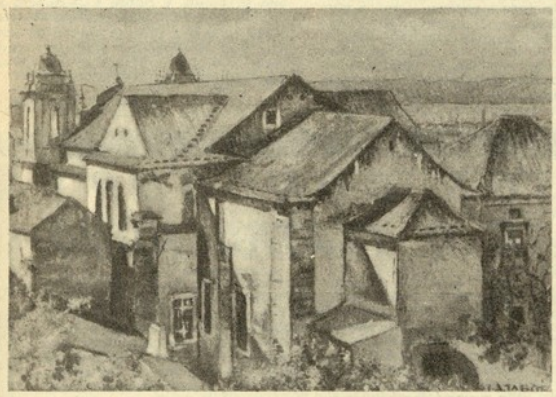
MANUEL MARTINHO

VAI PUBLICAR O SEU PRIMEIRO LIVRO

MANUEL Martinho, nosso prezado colega de redacção e um dos novos de mais valor das nossas letras, vai publicar o seu primeiro livro. Ele, que tanto tem dispensado na vida efémera de jornais e revistas, pedaços de prosa que são, quase sempre, arrancados à vida, vai apresentar a sua primeira obra de vulto: «Bairro da Liberdade».

Manuel Martinho, que tem o defeito grave duma excessiva modéstia, que, no momento que vivemos chega a tomar foros de escandalosa, não sabe que hoje damos esta notícia aos nossos e seus leitores — e nem sequer sabemos se isso lhe é agradável. Mas ele, «repórter» de tantas notícias indiscretas, não terá remédio que não seja perdoar-nos a indiscreção e levá-la à conta da nossa admiração pelas suas raras qualidades de trabalhador das letras.

As melhores obras...



...dos melhores artistas

Estão expostas na

GALERIA A MOLDER

RUA 1.º DE DEZEMBRO, 101-3.º — TELEFONE 21514

A fim de familiarizar os novos vereadores da C. M. com as obras camarárias em curso, realizou-se, há dias, nova revista da vereação aos pontos onde os mais importantes trabalhos se estão a efectuar.

Os novos edis visitaram o Campo Grande, os terrenos ao sul da Avenida Alferes Malheiro, onde estão a ser feitos arruamentos para a urbanização do local, a estrada que irá da praça da Portela de Sacavém à Avenida do Infante D. Henrique, em frente de Cabo Ruivo, troço de ligação entre Cabo Ruivo e Moscavide e a artéria que ligará a Encarnação com Moscavide e Beirolas.

Os vereadores na Avenida de Roma, em construção, na qual se vão construir casas para quarenta e cinco mil pessoas

ESCRITORES IGNORADOS

COSTUMA aparecer, sobretudo nos bairros pobres, uns modestos fascículos, geralmente engordurados, de romances célebres, de autores desconhecidos.

Os editores oferecem, quase sempre, além de lindas capas para encadernação, aos assinantes de toda a obra, um despertador afamado — ainda mais famoso do que o anónimo escritor que subscreve o volume. Esses romances ambulantes — salvo raras excepções — são escritos por gente da Outra-Banda — isto é, bachareis de Cacilhas.

Inventam um nome estrangeiro para «camuflar» o Pires ou o Gomes da pia baptismal — embrulham aquilo tudo em celofane de pastelinhos literários, tecem uma intriga de comissários da polícia, fabricam uma heroína, anjo de beleza, coroada de martírios, um patrão déspota que persegue a «angelical criatura», um cínico façanhudo, peçonhento e amoroso — e um pobre rapaz, desventurado e sem vintem, que geme e sofre as passas do Algarve durante duzentos e tal bem nutridos fascículos — e tudo isto, senhores, a dez tostões, trinta e duas páginas, com direito ao despertador.

Este género literário de papel de embrulho é muito conhecido. Faz-se para um público que soletra, ligeiramente sentimental e enternecedor — e tem, quanto a nós, uma vantagem: é que, enquanto andam a ler, interessados, o livro, se esquecem de zaragatear com os vizinhos ou de ouvir os fados na rádio, que ainda é pior.

Ora tudo isto está muito certo. Ninguém compra o livro para aprender alguma coisa. Se o editor tivesse a triste ideia de se lembrar dum disparate desses, era sabido que nem uma assinatura colhia.

Ensinar? Cultura? Para quê?

Isso é lá para quem é. O essencial é a historieta bem remexida no caldeirão do amor, com emboscadas e fugas, a deshoras, pelos lençóis da cama. Depois, dez tostões por semana é acessível. Por êsse preço, nem uma caixa de palitos. E para espevitar os dentes um pau de fósforo basta para a família inteira.

De modo que a obra pinga, choruda, batida de porta em porta. Os homens que fazem a distribuição do romance são, na generalidade, arrancados às páginas patéticas do romance.

Altos, esgrouviados, macilentos, calças bambas por cima da canela magra, sapatos esburacados — olhos tristes, aguados, de piedade e fome. Cheiram a miséria e a vinho — às vezes sem o terem bebido. Ganham cinco, seis escudos, e sobem continuamente escadas, com uma grande caixa de folha carregada de fascículos. Entregam o livro — e recebem o dinheiro. Isto é: acumulam, contra a lei vigente que regula as ocupações. Pois nem por isso o patrão lhes dá mais um real. Alguns trabalham à comissão. É como os viajantes daquilo que ninguém compra, porque se não deita na panela: sabonetes e perfumes. Chegam a calcurrear léguas para impingirem, à laia de esmola, um frasquito perfumado que é indecente usar, tal o cheiro de «coqueterie».

Pois bem: esses homens dos livros precisam de ser protegidos.

Os trabalhadores têm o seu estatuto que os vigia — e protege o seu labor. Têm, por consequência, um organismo com autonomia administrativa e até com força de lei para regular o preço do músculo ou do cérebro. Se há um sindicato dos que carregam os barcos — deve haver, lògicamente, o dos que carregam a *cultura* para casa de cada um. E, então, o caso mudaria de figura. Esses homens seriam melhor remunerados. Teriam, possivelmente, uma hora de entrada e saída. Gozariam as suas férias. Teriam, no Verão, as regalias dum lugar ao sol. Fariam extraordinários pagos a 25 % — e, pelo menos, poderiam ouvir, no Camões, a hora de variedades da Emissora.

Se tivessem filhos e família legitimamente constituída entrariam no sorteio dos Bairros Económicos. Descontariam para a aposentação, poderiam abastecer-se em cantina própria, teriam médico — e tudo, tudo isto pela ridicularia da cota do sindicato. Agora assim, como andam, não.

Há gente que compra aquilo para ajudar o desgraçado.

E esquecem-se, afinal, que a ajuda para o pobre diabo é de tostões — porque os escudos entram na gaveta dum senhor qualquer que, repimpado, faz escrever a metro, dezenas de penas de Pires com nomes estrangeiros, que jantam dia sim, dia não...

M. M.

Nasceu uma voz romântica em Portugal...

MARIA TERESA BARCELOS

diz-nos porque canta assim

A cantora da voz romântica — Maria Teresa Barcelos

TEMOS nos ouvidos o tom incomparàvelmente grave da sua voz romântica. Trauteamos a canção enquanto ela sorri — sorriso que vem da profundidade dos seus odhos negros, cheios de melancolia.

— Onde nasceu?

— Sou um produto açoreano...

— Fruto então de uma terra de amores?

— Conhece a Terceira?... Angra?... Vim de lá com 9 anos. Hoje vivo em Lisboa, algures, com meus pais e meus irmãos. Poupo-lhe a indiscreção que lhe impõe o dever do ofício.

— Diga-nos agora: Porque canta assim?

— Talvez por me encontrar mais comigo própria quando o faço. Devemos procurar ser, tanto quanto possível, como somos.

— Que idade tem?

— A que me der.

— Acha bem 23?

— Óptimo. Acertou.

— Já cantou alguma vez em público?

— Uma vez apenas em concurso da Emissora Nacional.

— Ganhou?

— Perdi. Houve, evidentemente, quem ganhasse, e quem ganha ganha sempre bem.

— Depois disso que pensou fazer?

— Estudar cada vez mais. Cultivar um género próprio de canção.

— Gostou da publicidade feita agora à volta do seu nome e a propósito da canção «São olhos de mulher»?

— Sim. Devo gentilezas por ela. À Livraria Portugal permitindo a exposição nas suas montras, e a Fernando de Carvalho, além da canção, que é da sua autoria, a amabilidade que não posso esquecer de se ter prestado, num gesto simpático, a acompanhar-me com a sua esplêndida orquestra, na interpretação que lhe dei e que foi gravada em disco. Compreende bem o que isso representa para mim: um grupo musical da sua categoria a acompanhar uma principiante...

— Se ele o fez foi porque media, sem dúvida, o valor da artista.

— Não sei. Só sinto que devo estar-lhe grata, bem como aos rapazes da orquestra.

— Tem projectos?

— Os sonhos legítimos de quem trabalha.

— Mas concretamente.

— Nada. Talvez umas gravações; falou-se num filme musical...

— E a Rádio?

— É uma ideia que acarinho.

— Gosta das músicas modernas?

— Muitíssimo.

— Da gente que canta o género ligeiro?

— Greta Keller... Zara Leander...

— Orquestras que prefere?

— Estrangeiras... são tantas... Das nacionais, a de Fernando de Carvalho. Uma confidência que é mais uma homenagem: gostaria do papel de vocalista numa orquestra assim.

— Mas quando a ouviremos a valer?

— Sei lá. Amanhã... daqui a um mês... talvez nunca.

— É desanimador...

— Não. Um caso de consciência. Sinto bem as responsabilidades do artista para com o público. Mas, já que estamos em confidências, devo ser leal para com o repórter. Dentro deste mês ainda, farei a minha apresentação numa Emissora de Lisboa. Não pense que é um passo definitivo. Corresponderei, desta forma, à gentileza dessa estação de Rádio, que amàvelmente pôs à minha disposição vinte bons minutos em cada quinzena para que eu os preenchesse com o meu programa.

Maria Teresa, fotografada por Tony

— Isso é óptimo. Vamos então ouvi-la com regularidade?

— Assim penso. Mas não julgue que não receio esses minutos. Os passos em frente devem ser sempre dados com muita cautela.

O relógio diz-nos que são horas. Horas de lição, de trabalho.

— Mais uma pregunta apenas. Não se ria dela... De que côres mais gosta?

— Branco e preto.

— Deixe ver... Branco e preto... Contraste. Deve estar certo. Obrigado, Maria Teresa. Até breve, até muito breve. E sabe porquê? Porque nos seus olhos lindos vejo a bailar uma vontade imparável de vencer.

Está no ar música dolente, música de sonho: «Jon will never know»...

Um momento. Alice Faye?

Não... A da voz romântica que nasceu agora — Maria Teresa Barcelos... um nome de cartaz.

Vou fixar o nome desta rapariga.

Maria Teresa, vista por Santana

O que significa a O. N. U.

(Continuação da página 17)

NA O. N. U. ESTÃO INCLUÍDAS TODAS AS NAÇÕES?

Não. As potências inimigas das Nações Unidas — Alemanha, Japão, Itália, Hungria, Roménia, Bulgária e Finlândia — não estão autorizadas a entrar para a Organização. O mesmo acontece com os países neutrais. A Argentina (se bem que tenha tècnicamente declarado guerra ao Eixo), só foi autorizada a ingressar na Organização após acalorados debates durante a Conferência de S. Francisco. A simpatia manifestada pela Argentina ao Eixo e as directrizes fascistas do seu Govêrno fizeram com que muitos delegados votassem contra. A posição do Eire, da Suécia, da Suíça e de Portugal devem muito em breve ser estudadas e revistas.

QUANTO CUSTARÁ A O. N. U., E COMO SERÃO PAGAS AS SUAS DESPESAS?

Ainda não se sabe ao certo. Cada país está a pagar os encargos da sua delegação. O Govêrno britânico tomou à sua conta as despesas de acomodação na presente reunião. Provàvelmente, será estipulado um abono proporcional, pagando cada Estado-membro uma determinada soma anual.

A O.N.U. TERÁ DE TOMAR CONTA DAS ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS CRIADAS COM A GUERRA, TAIS COMO A U. N. R. R. A.?

É natural que assim aconteça. Porém, certas funções de carácter internacional, tais como a regulamentação do tráfego de narcóticos e da escravatura branca, continuará, temporàriamente pelo menos, a cargo da S. D. N.

A O.N.U. É A NOVA SOCIEDADE DAS NAÇÕES?

Até certo ponto. A resposta tanto pode ser afirmativa como negativa. Afirmativa, porque a O. N. U. está destinada a funcionar como organização fomentadora da paz. Negativa, porque a Sociedade das Nações tinha por objectivo o desarmamento mundial, e a O. N. U. é expressamente baseada na força armada.

COMO FUNCIONA A O.N.U.?

A O. N. U. está dividida em cinco secções principais:

a) Conselho de Segurança, com 11 membros, os quais são sempre um de cada um dos Cinco Grandes e os outros eleitos (em mandatos de dois anos) pela Assembleia Geral. O Conselho de Seguranca é composto pela Polónia, Rússia, Grã-Bretanha, Estados-Unidos, Austrália, Brasil, China, Egipto, França, México e Holanda.

b) A Assembleia Geral, composta pelos representantes de *todos* os Estados-membros. A Assembleia controlará a finança internacional, segundo as decisões de Bretton Woods, e sugerirá soluções para os atritos mundiais.

c) O Conselho Económico Social, composto por 16 membros eleitos pela Assembleia Geral e responsável perante ela. A missão deste conselho é preparar os planos destinados a basear a economia no interesse geral.

d) O Tribunal Internacional de Justiça, formado por 15 juízes internacionais. Cada país far-se-á representar por um juiz. Este tribunal julgará casos *voluntàriamente* submetidos pelos Estados-membros, e estes casos (contràriamente aos que eram enviados ao tribunal de Haia) não devem ter carácter político nem económico.

e) O Secretariado, composto pelos intérpretes, amanuenses, estenógrafos, guarda-livros, estatísticos e outros peritos.

O principal departamento da O.N.U. é o Conselho de Segurança. Como organismo permanente, compete-lhe determinar as questões de guerra e de paz. Só quando os Cinco Grandes estiverem unânimemente de acôrdo é que pode ser declarada a «guerra internacional» contra o Estado, que se recusar a aceitar as decisões da O.N.U., tornando-se, desse modo, automàticamente, agressor.

João de Deus

(Continuação da página 13)

Em 1870 convidaram-no para escrever uma «Cartilha».

E o poeta, que já se sentia atraído, irresistivelmente, pela educação popular, apresentou, passados sete anos, o seu grande trabalho, a «Cartilha Maternal».

Teve de vencer a rotina — ataques sem conta.

Já com família constituída, o poeta, apesar de se apoderarem de muitos dos seus trabalhos nunca se queixou, sofria. Poderia ter enriquecido. Via os outros, à sombra dos seus louros, treparem; ele, porém, sempre pobre.

Como Teófilo Braga disse, João de Deus serviu a causa do ensino popular como um verdadeiro apostolado, pondo em acção o seu temperamento dotado de doçura de um Froebel e da bondade infinita de um Pestalozzi.

As polémicas que teve de sustentar na imprensa contra os professores, que não podiam com o novo método, provaram bem o vigor, o intelecto, a prodigiosa vocação de João de Deus para o ensino — e os recursos da sua prosa, forte, convincente.

E, por fim, já muito doente, depois duma pneumonia, no dia 8 de Março de 1895, quando o poeta fazia 65 anos, veio a apoteose, toda essa mocidade das escolas, prestar-lhe a homenagem que era devida a um génio — a um apóstolo do Ensino.

Foi o país inteiro que vibrou — desde os altos poderes do Estado à Universidade.

É que «João de Deus, como poeta lírico do amor era a expressão do génio nacional».

O poeta, na sua casinha pobre da Estrêla, já doente, diante daquela apoteótica consagração de toda a mocidade, carregada de flores que ele amava, preguntou:

— «Que vindes cá fazer, oh mocidade? Despedir-vos de mim...».

Pouco durou, na verdade — uns meses. A 11 de Janeiro de 1896 expirava santamente.

Lisboa vivia, nesse dia, a cruciante afronta do ultimatum inglês.

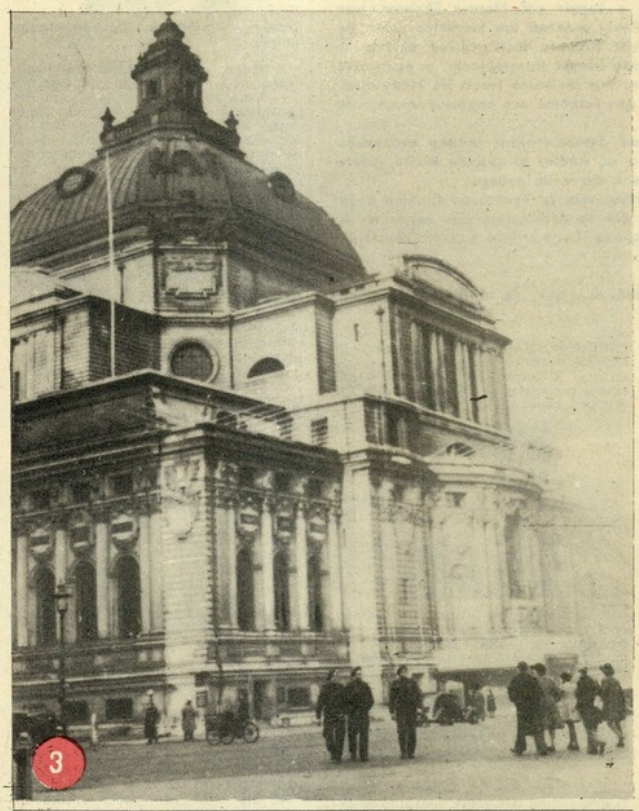
Janeiro frio, Janeiro do orvalho. As flores foram as primeiras a chorar o seu poeta.

JOSÉ DO TELHADO

(Continuação da página 20)

público nada mais exige, nem sequer um pouco mais de verdade na fuzilaria.

Se quisessemos encontrar um paralelo para situar o filme no quadro que lhe convém, diríamos que está para o cinema português como um romance por fascículos para uma editorial. Destina-se, de resto, ao mesmo público que tem feito dos «romans de concierge» um negócio próspero e seguro. A história é rica de episódios para arrebatar os sectores populares: os humildes são exaltados e os nobres deprimidos; o bandido estabelece a comparação entre ele e o agiota, para concluir, em tiradas declamatórias, que este é socialmente menos digno; as autoridades e o exército são sempre ludibriados infantilmente pelo herói simpático; a sua vida criminosa aparece-nos justificada, e quase legitimada, pela miséria e pela fome. E a lenda de que ele roubava os ricos para dar aos pobres, contribui para lhe imprimir a aura de um pioneiro de ousadas reformas sociais... Com uma história destas — pensaria o editor — não vale a pena estar com primores de estilo... Os erros de ortografia passam... O papel escusa de ser muito bom. O aspecto gráfico adquire importância secundária. Haverá sempre quem a leia e espere ansiosamente o fascículo da semana seguinte... No caso do filme, não lhe faltarão igualmente espectadores. E, no estado actual da nossa cinematografia — que tanto necessita de filmes que não atraiçoem a finalidade económica da indústria — tais perspectivas não nos parecem de desatender. Esperemos, no entanto, o filme que Armando Miranda nos pode dar. E talvez o «José do Telhado» haja contribuído para o tornar possível, em mais breve prazo.



O que significa a O. N. U.

por José Correia Ribeiro

O QUE SIGNIFICAM AS LETRAS O. N. U.?

As iniciais O. N. U. significam «Organizações das Nações Unidas» — organismo internacional composto por 51 Estados soberanos e destinado a manter a paz e a garantir a justiça colectiva e individual.

QUANDO FOI CRIADA A O. N. U.?

Em Junho de 1945. A O. N. U. foi criada em consequência das resoluções tomadas na Conferência de S. Francisco. A data oficial do seu nascimento é 26 de Junho de 1945, dia em que cinquenta diplomatas representando igual número de países, assinaram a Carta que criou a nova organização.

QUEM SUGERIU ESTE ORGANISMO?

Foi o falecido Presidente Roosevelt quem utilizou, pela primeira vez, a designação de «Nações Unidas». Duma maneira geral, é também considerado o verdadeiro pai deste último esforço para preservar a paz mundial. O nome de Roosevelt fica, na história, ligado à O. N. U., tal como o de Wilson ficou identificado com a S. D. N.

QUAL SERÁ A SEDE DA O. N. U.?

Está definitivamente assente que será nos Estados-Unidos. O local exacto ainda não foi escolhido. Por esse motivo, há grande rivalidade entre várias cidades americanas, que querem, simultâneamente, gozar do prestígio e do lucro comercial que tal escolha produzirá inevitàvelmente. Nova-York, Boston, Chicago e S. Francisco são as cidades com mais possibilidades. Hyde Park, a propriedade de Franklin Roosevelt, é, porém, uma competidora perigosa.

QUEM SERÁ O CHEFE DA O.N.U.?

Será o Secretário Geral que deve estar prestes a ser nomeado. Além de Eisenhower (que recusou), Churchill (que ainda não foi convidado), o candidato com mais probabilidades é Lester Bowles Pearson, formado em ciências histórico-filosóficas, conselheiro da U. N. R. R. A. e actual embaixador canadiano nos Estados-Unidos. A candidatura de Pearson é aprovada pela Grã-Bretanha e América.

COMO INICIOU A O. N. U. AS SUAS FUNÇÕES?

A primeira sessão teve lugar no dia 10 de Janeiro de 1946. Nas reúniões inaugurais tratou-se da formação das várias secções do organismo, da eleição dos principais funcionários, da preparação dos planos futuros e de outros trabalhos de normalização preliminar.

(Continua na página 16)

1) James Byrnes, o secretário de Estado americano e o ministro dos Negócios Estrangeiros inglês, Ernest Bevin, conversam no intervalo de uma sessão da assembleia da O. N. U. 2) Atlee pronunciando o discurso inaugural da Assembleia. 3) Vista exterior do Central Hall, Westminster, onde se está a efectuar a reunião. 4) A sr.ª Roosevelt e Tom Connally, delegados americanos na Assembleia. 5) A sr.ª Roosevelt, a caminho da Assembleia, atravessa muitas vezes as ruas de Londres sem que a reconheçam.

SERVIÇO FOTOGRÁFICO DA "INTERNATIONAL NEWS PLATS" EXCLUSIVO PARA "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"

7 artistas do Teatro, do Cinema e da Rádio respondem à uma pergunta:

SE VOCE SE DEDICASSE AOS NEGOCIOS, QUE GOSTARIA DE VENDER?

TALVEZ o leitor tenha reparado. Aqui há uns dias os jornais noticiaram que alguns dos mais cotados artistas de Hollywood se haviam dedicado a variados ramos de negócio, dispostos a fazer frutificar os vastos cabedais que auferiram no desempenho da profissão que os tornou célebres.

Mary Pickford e Constance Bennett abriram a marcha, secundados logo a seguir por Norma Shearer, que adquiriu vários prédios de rendimento e os alugou por bom preço; Charles Boyer montou um lucrativo posto de venda de gasolina no «Boulevard de la Cienega»; Bonita Granville instalou um luxuoso instituto de beleza; e Ida Lupino abriu um restaurante típico. Esta última foi imitada pelo endiabrado Maxie Rosembloom, o «adorável estúpido» de tantos filmes cómicos, que instalou o seu «Slapsie Maxie's» num dos melhores locais de Hollywood. E não falamos já em Betty Grable, Sonia Henie, Errol Flynn e Ginger Rogers, que também nos negócios inverteram imponentes somas do vil metal.

Isto em Hollywood, claro. Mas... e em Portugal? Os nossos artistas nunca demonstraram grande propensão para os negócios. Contentam-se com o que ganham no Cinema, no Teatro ou na Rádio, e, quando muito, põem o seu dinheiro a render nos Bancos, o que pelo menos lhes evita preocupações e dores de cabeça...

Apesar disso, porém, nós resolvemos sair em busca de alguns artistas portugueses do Teatro do Cinema e da Rádio, para lhes perguntarmos o que é que eles gostariam de vender caso um dia se dedicassem aos negócios. A maioria respondeu-nos que nunca havia pensado nisso. Mas nos olhos de alguns, nós vimos brilhar o clarão revelador de um horizonte súbitamente rasgado nas trevas do futuro...

— O que é que eu gostaria de vender?

E ficavam-se pensativos, absorvidos por uma ideia que nunca lhes ocorrera, mas que, de súbito, lhes parecia perfeitamente viável...

Costinha optaria pelo "bric-à-brac"

Principiámos pelo Apolo. Ao lado direito da porta da caixa fica situado o camarim de Costinha, o popular actor cómico. Está em cena quando nós chegámos. Mas Luísa Durão faz-nos as «honras da casa» e fica a conversar com o jornalista enquanto Costinha não se cansa de fazer rir o público.

Ei-lo que chega. Vem todo afogueado, a cabeleira revôlta, o olhar brilhante.

— Olá! — diz-nos com um acenc.

E enfia-se logo no segundo compartimento do camarim. Está mudando de «costume», mas nós aproveitamos a contingência para lhe endereçarmos a pregunta que ali nos levava:

— Costinha, o que é que você gostaria de vender?

— Tudo! — responde Costinha, enquanto troca o bigode largo que lhe oria o lábio superior, por um outro mais pequeno e actualizado. — Um estabelecimento de «bric-à-brac» seria, para mim, o ideal. Eu gostaria de negociar com tudo menos com a desgraça dos outros. Portanto, só não faria empréstimos sobre penhores. Acho que isso é bastante indigno e miserável.

E reaparece ante os nossos olhos «disfarçado» de bailarino sapateador. A casaca assenta-lhe como uma luva. Põe a cartola na cabeça, dá-lhe um jeito «snob» com o polegar direito, e vai de novo para o palco disposto a castigar severamente os hipocondriacos...

Maria Sidónio e a alta costura

Aproveitamos a nossa estadia no Apolo para ouvir Maria Sidónio, a popular vedeta da Rádio, de vez em quando «a banhos» no teatro. Eis a sua resposta:

— Sabe? Eu gostaria de possuir um «atelier» de alta costura. Desde pequena que sonho com um estabelecimento desses, mas até agora ainda não consegui realizar a minha ambição. E tenho muito jeito, sabe?...

E mudando de tom:

— Você está-se a rir?

— Eu não, pelo amor de Deus! Estou sério como um abade em cima do púlpito.

— Mas acha que o meu sonho dá vontade de rir?

— Juro que não!

Maria Sidónio tranquiliza-se. Depois, com um trejeito infantil, acrescenta:

— No «atelier», eu comandaria uma legião enorme de costureiras. Andaria de mesa em mesa, inspeccionando o trabalho, dando instruções, corrigindo possíveis falhas. E também me sentaria à máquina, uma vez por outra...

E a concluir:

— Quando realizar o meu sonho,

conto consigo para me arranjar algumas clientes. Valeu?

Dizemos que sim, e abandonamos o camarim a pensar que Maria Sidónio continua a ser a mesma simpatia de sempre...

A vingança de João Villaret

Camuflado de judeu, com um nariz postiço desenhado à maneira hebraica, Villaret, «o Grande», fica quase irreconhecível. Mas não poupa gargalhadas, fortes e sonoras, quando nós lhe dirigimos a pergunta:

— Vocês são o diabo! — diz ele, de corpo todo abalado pelo riso. — Arranjam cada pergunta...

E soerguendo-se ligeiramente do «maple» onde está sentado:

— O que é que eu gostaria de vender? Sei lá, meu amigo. Nunca pensei nisso. Ó Caeiro, que é que eu havia de vender?

Igrejas Caeiro, que havia assomado a cabeça à porta do camarim, responde sorumbàticamente:

— Carrinhos para bebé...

— Que disparate! — comenta Villaret, que de repente fica pensativo.

Há um momento de silêncio. Depois, lentamente, Villaret vai dando a resposta definitiva:

— Talvez eu optasse pelo «mercado negro». Assim eu me vingaria das muitas vezes em que tenho pago o açúcar, o azeite e o arroz por preços triplos. E garanto-lhe que se negociasse no «mercado negro», havia de ser um especulador terrível.

E desenha um elipse no espaço com o seu punho direito, o que nos dá uma ideia clara a respeito do carácter contundente da vingança de Villaret...

Irene Isidro e a cozinha italiana

Agora estamos no Avenida. Irene Isidro é uma das mais distintas artistis do nosso teatro, mas desta vez pudémos ver também que ela, vestida de criadinha, fica positivamente adorável...

Atirámos a nossa pregunta. E Irene responde imediatamente:

— Se eu me resolvesse a fazer negócios, montaria um restaurante típico, à maneira italiana, igual aos que tenho visto lá fora. O pessoal trajaria a rigor e a cozinha seria também à maneira italiana, com

todos os pratos que constituem o encanto máximo dos velhos restaurantes da pátria de Dante.

— Que papel se reservava no restaurante?

Irene sorri. E com um encolher de ombros a revelar indecisão, responde:

— Não sei. Talvez o de criada. Para esta função, pelo menos, já eu estou suficientemente treinada com o meu papel no «Pão de Ló».

E foi tudo. O ar frio da noite voltou a bater-nos no rosto quando de novo descemos a Avenida a caminho da Baixa...

Pedro Navarro e a vaidade humana

À porta do «Palladium» encontramos Pedro Navarro, o aprumado galã do novo filme de Jorge Brum do Canto. Vê-lo e interrogá-lo foi obra de poucos segundos. Mas a resposta é que não veio no mesmo ritmo. Pedro Navarro é rapaz ponderado e tem mêdo das improvisações.

— Eu gostaria de negociar em

jóias! — responde ao fim de alguns momentos de reflexão.

— Porquê?

E Pedro Navarro, sorridente, acrescenta com certa ênfase maliciosa:

— Uma vez que a vaidade humana continua — e continuará, se Deus quiser — a ser um facto, parece-me ser esse o negócio menos susceptível de falência... e de racionamento. Negociando-as, ao mesmo tem que colhia lucros, não sentiria mágoa por me separar de artigos que pessoalmente não gosto de usar...

José António e as lojas de modas

Quando chegámos à Emissora Nacional, o cantor José António vem justamente a sair. Fazemo-lo retroceder, dizemos-lhe ao que vamos, e José António fica decididamente perturbado, sem atinar com a resposta. Finalmente, «acerta no vinte»:

— Olhe: há dias fui com uma senhora a uma loja de modas da Baixa. Comprei determinado artigo e fiquei com a carteira vazia, tal o

montante da quantia que me pediram. Se eu me dedicasse aos negócios, montava na Baixa uma loja dessas. Ficava milionário em poucos meses...

E numa transição:

— A menos que deixassem de existir os rapazes amáveis como eu. Mas esta hipótese não é de admitir...

E diz isto com tanto optimismo que nós ficamos inteiramente de acordo!

Cidália Meireles e as antiguidades

Cidália Meireles aptava por um estabelecimento de antiguidades.

— Porquê? — interrogamos.

— Gosto do ar vetusto e respeitável que caracteriza os objectos antigos! — responde a jovem artista, que conclui desta forma:

— De resto, as antiguidades podem

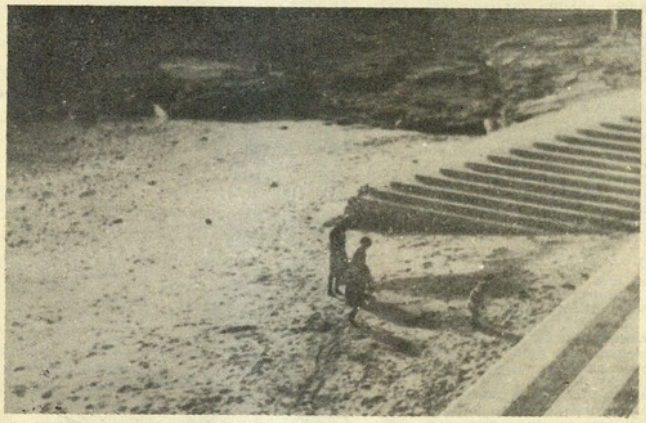
ser vendidas por preços ilimitados. Não há tabelamento possível. É ou não é um negócio tentador?

E Cidália Meireles mostra-se tão entusiasmada com as perspectivas materiais do «seu» negócio, que o jornalista sente vontade de se propor para sócio. Mas antes, vamos perguntar ao Eliezer Kamenesky se, efectivamente, vale a pena vender antiguidades...

ARMINDO BLANCO

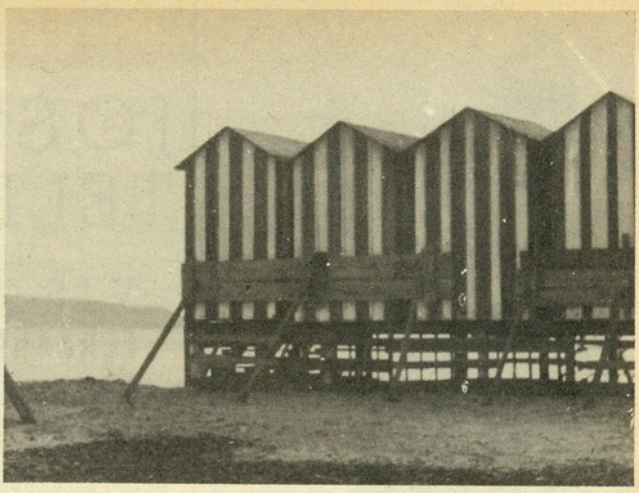
Vejam esta imagem da praia de Algés! Que tristeza!

O areal deserto, mais tristeza faz... E mais frio...



No Estoril ainda houve, além de nós e do fotógrafo, mais quatro pessoas que se arriscaram a descer à praia...

Este cão aparenta estar triste. Também ele parece dar pela falta da animação habitual da praia...



É aqui, por detrás destas barracas da Cruz Quebrada, que costumam sentar-se os grupos, na altura solene de abrir os farneis...

PRAIAS DESERTAS, IMAGENS TRISTES

RESOLVEMOS, num destes dias de frio, dar uma volta pelas praias desertas, pisar areias por onde, no Verão, se estadeiam a beleza, a elegância, a alegria de viver...

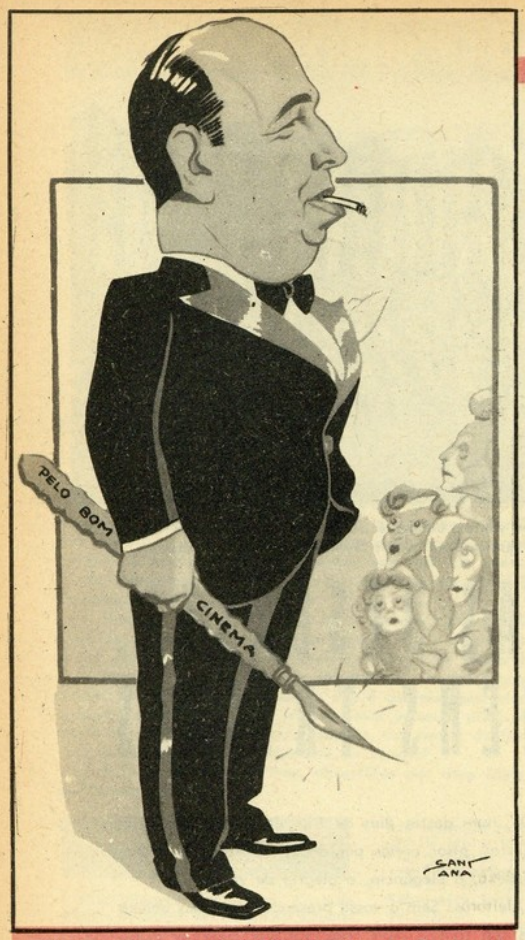
E que tristeza, leitoras! Sem a vossa presença, que mais beleza lhes dá, as praias são tristes, mais frias até que qualquer outro ponto onde o frio seja igual... E — perdôem a imagem! — algumas lembram campos de batalha, passado o momento épico da luta... O mar arroja destroços, que se perdem sobre a areia... Pedaços de madeira, plantas ressequidas, uma imensidade de coisas mortas... Sem o sol, a areia, que foi dourada, toma aspectos baços... Há em tudo uma melancolia que nos faz ter saudades do Verão, quando os corpos se douram sob o sol forte e a elegância e a beleza andam, de mãos dadas, a passear sobre a areia...

Que falta fazem o sol e o calor... Mas, mais do que tudo, que falta faz a presença alegre e saudável de tantas raparigas, companheiras do sol e do mar!

Não, leitora. Por esta vez chegou. Nunca mais vamos à praia sem saber que já vocês lá andam, sob os olhares severos e fiscalizadores do cabo do mar...

Vejam a «barraca dos gelados», do Tamariz! Gelados! Ui que frio!

(Fotos Serôdio)



FERNANDO FRAGOSO, (Visto por Santana)

JOSÉ DO TELHADO

VISTO POR FERNANDO FRAGOSO

SÃO passados cerca de quinze anos sobre a estreia da primeira versão do «José do Telhado», na sala que agora apresentou o filme do mesmo nome. Como estão lembrados, a produção de Rino Lupo, baseada também na obra de Eduardo de Noronha, era uma indigesta e maçuda transposição para a tela da aventurosa existência do bandoleiro nortenho, que a imaginação popular revestiu dum romântico «cavalheirismo», negado, aliás, pela realidade dos factos. A crítica malhou, então, no realizador como em centeio verde. O filme revelou-se primitivo sob o ponto de vista técnico; insuficiente no que se refere aos processos cinematográficos — mas (todos reconheciam de boa mente) reunia as condições precisas para se tornar num autêntico êxito de bilheteira.

O tempo encarregou-se de confirmar os vaticínios. O «José do Telhado» foi uma pequena mina de oiro. E alcançou de tal forma o agrado popular que ainda há pouco, os ambulantes, em digressão pela província, exibiam, como peça de efeito, os salvados do filme numa cópia a desfazer-se... Se a indicação não chegasse para medir o seu valor comercial, bastaria recordar outro facto. Com efeito, quando Armando Miranda pensou na realização do seu filme, havia mais dois cineastas interessados em levar para a tela a biografia do quadrilheiro. Chegou até a esboçar-se, entre eles, uma disputa, sob a forma de corrida de velocidade, que o bom-senso obstou que prosseguisse. Assim, o «José do Telhado» foi, até hoje, o assunto que suscitou em mais larga escala o interesse simultâneo dos nossos realizadores. Justamente por se saber que, sob o ponto de vista de bilheteira, era uma história que tinha provado bem...

Não nos surpreende, pois, que a quinze anos de distância, o «José do Telhado» registe a segunda consagração cinematográfica. Podemos lamentar, como Luís Teixeira, que os heróis, os colonizadores, os capitães das Descobertas, aguardem ainda o tributo de admiração dos cineastas portugueses. facto que avulta numa produção que nos dá apenas dois ou três filmes por ano. Mas tudo quanto poderíamos dizer, ficaria, na realidade, aquém da amarga e violenta condenação do tema — e que, por mais estranho que pareça, serve de fecho ao filme. Dir-se-ia que a fala da mulher do bandido se dirige ao mesmo tempo ao produtor e ao narrador do «José do Telhado», tal a identidade que os irmana, ao contar a história a um público, mais ou menos numeroso.

O que se disse àcêrca do «José do Telhado» de Rino Lupo pode dizer-se, até certo ponto, do «José do Telhado» de Armando Miranda. O filme embora em menor escala do que na versão muda — revela-se insuficiente sob muitos aspectos, mas deve constituir um êxito popular. Há insuficiências que têm a sua origem no propósito de meter o filme dentro dum orçamento possível — propósito industrial de louvar e de aplaudir. Se o nosso cinema é, muitas vezes, uma espécie de desenho à vista, praticado por rapazes sem escola mas com manifesta habilidade, a borracha que apaga e ajuda a corrigir os traços mal feitos — é o dinheiro. E «dinheiro», em cinema, é sempre muito dinheiro. Há insuficiências, porém, que já não podem atribuir-se às limitações de ordem material que o produtor a si mesmo impôs. Essas são, por isso, menos de perdoar.

Dum modo geral, o filme beneficia duma «sequência» que satisfaz, e que permitiu ao realizador contar a história com clareza. Há na evocação da primeira fase da vida do aventureiro um excesso de cenas em que se alternam os episódios sintéticos daquela, com as imagens da narração da história. Mas a primeira «vítima» dos filmes que não podem custar mais do que a verba x (quando por x se designa o valor mínimo do custo possível dum filme) — a primeira vítima, iamos nós dizendo, é o autor da sequência, pelo que dele se exige no sentido de não sobrecarregar o custo da produção. Aurélio Rodrigues saíu-se bem da tarefa, e o seu trabalho é uma das notas positivas do filme. Outro tanto não podemos dizer do «arranjo» da história. Até em pormenores, que sem lhe modificarem a estrutura actual poderiam valorizar alguns momentos culminantes. Assim, a cena do primeiro assalto do José do Telhado pedia uma «deligência» ou uma mala-posta, e não um pindérico trém de praça; as perseguições — motivo eterno e imprescindível em filmes deste género — deveriam ser feitas por tropas de cavalaria e não por infantaria, visto a quadrilha dispor de boas montadas; as visitas do bandido à casa cercada e consequentes evasões poderiam ganhar em emoção o que perderiam em infantilidade... Depois, o pai que conta a história ao menino de tenros anos, começa logo por lhe dizer que o José do Telhado era muito querido das mulheres, e poucos passos adiante faz-lhe saber que a Aninhas já não tinha direito a usar flor de laranjeira, quando subisse ao altar — o que não nos parece muito consentâneo com a idade e a compreensão do menino... E que dizer do baile (de máscaras?) em casa dos fidalgos? E da incrível cena em que o sr. de Ruivães estende a mão ao José do Telhado e o declara um homem de bem?

Pela nossa parte, e uma vez que se anunciara o propósito de romantizar a vida do «José do Telhado», esperavamos um filme movimentado, à maneira de «Zorro», do «Jesse James», ou mais modestamente, das «westerns», em que há um bandido simpático com a cabeça a prémio — guardadas as devidas proporções entre o cinema americano e o português... Temos a impressão de que com pouco mais, se poderia ter feito um filme rico de valores técnicos e cinematográficos. E estaria ainda dentro do são critério comercial. Porque não perderia o público que hoje aplaude o seu «José do Telhado», e ganharia o outro que, por ele, não se mostre suficientemente interessado.

Armando Miranda, a nosso ver, progrediu. Abandonou certas preocupações estéticas, e a ânsia de buscar determinados efeitos, que haviam dado a «Pão Nosso» e, em menor escala, à «Ave de Arribação», sequências assinaláveis. Mas, em compensação, este filme apresenta-se-nos mais «fácil» no seu desenrolar, mais harmónico no seu conjunto, mais equilibrado e mais certo na linguagem cinematográfica, ainda que seja de considerar, sob tal aspecto, o acerto da planificação. Como nos trabalhos precedentes, o realizador enriqueceu as cenas de ar livre com lindas imagens da terra portuguesa. Preocupação louvável, que não deve abandonar, uma vez que se trata dum valor que o público reconhece e aprecia. Os «raccords» das cenas de ar livre (dos «conjuntos» para os «planos aproximados») talvez por falta de «transparência», dão-nos, porém, a sensação de terem sido feitos no quintal...

Gostámos de ver Virgílio Teixeira. O seu «José do Telhado» — porque teria o realizador incompatibilizado o bandoleiro com a navalha de barba? — o seu «José do Telhado», diziamos, documenta a inteligência e a sensibilidade dum artista, num papel que lhe era manifestamente desfavorável. A seu lado, Adelina Campos deu-lhe sempre réplica segura, com a autoridade de quem sabe o que diz e o que faz. Todos os outros se comportam, por via de regra, de forma a não comprometer as situações. O mesmo gostariamos de dizer da figuração, que continua a ser um problema, tanto maior quanto mais alto fôr o nível social que dela se exigir.

Bobone não nos deu a sua melhor fotografia, se bem que seja difícil determinar até que ponto se lhe podem imputar as culpas, tão precário se apresenta o trabalho de laboratório. No entanto, os exteriores são quase sempre de boa marca. Som irregular, com altos e baixos, e por vezes notório «bruit de fond». Mas percebe-se tudo — e o grande

(Continua na página 46)

Ana Maria Campoy, no filme de Alexandre Perla, «Cais do Sodré». A insinuante vedeta espanhola está indigitada para protagonista de «A Mantilha de Beatriz», que outro técnico espanhol, Eduardo Maroto, prepara nos estúdios da Lisboa-Filme.

A filha adoptiva de W. C. Fields é, como o popular artista, uma ferverosa adepta do «golf». Aqui a vemos, em transe de passar por sob as pernas do «papá», enquanto este olha a direcção que a bola tomou.

Durante um intervalo de «Ziegfeld Follies», as «girls», as admiráveis «girls» do cinema americano, descansam. Descansam da faina dos estúdios, porque, como estão vendo, todas ocupam as horas livres com diversos trabalhos. A maioria entrega-se ao «tricot». Outras lêem jornais ou livros. E a julgar pela beleza destas mulheres, um visitante desprevenido, que entrasse no «plateau», seria capaz de supor ter encontrado finalmente a porta do paraíso terreal...

NOTA DA SEMANA

ANUNCIA-SE para breve a realização de um filme português (?) que tem a particularidade de dispor de uma equipa técnica constituída exclusivamente por estrangeiros. É possível que alguns dos nossos profissionais sejam chamados ainda. Mas para cargos subalternos. Na própria interpretação parece que intervirão artistas espanhóis.

O facto tem causado certa ansiedade nos meios afectos à produção nacional. Pois se a presença de técnicos estrangeiros, de reconhecida competência, se impõe, quando da sua actuação resultem benefícios e aumento de conhecimentos para os portugueses que com eles trabalhem — ela não parece absolutamente aconselhável, pelo menos de forma tão absorvente, quando ficam desempregados profissionais de mérito incontestável, igual ou superior ao dos técnicos importados.

Isto sem falar nos inconvenientes de termos amanhã, em maior ou menor escala, filmes portugueses concebidos e realizados sòmente por estrangeiros.

Não cremos que os factos venham a confirmar as indicações, sob que se apresentam. Parece-nos, com efeito, que são tão legítimos os interesses dos profissionais portugueses, que ninguém de boa-fé será capaz de os pôr à margem, para dar exclusivamente trabalho a estrangeiros.

André Luguet pronunciando o seu discurso

AS COMEMORAÇÕES DO CINQUENTENÁRIO DO CINEMA, EM PARIS

A guerra estragou, no mundo inteiro, as comemorações do cinquentenário do Cinema. Em França, onde lògicamente deveriam ter alcançado maior brilhantismo, a data festiva passou quase despercebida, sobretudo se nos reportarmos a manifestações de carácter oficial. O país, a braços com os problemas do seu ressurgimento, não pôde, em boa verdade, assinalar, como devia, os dez lustros que decorreram sobre a data em que se celebrou a famosa sessão do Grand-Café.

Os profissionais do Cinema, por seu turno, não se resignaram com a apatia oficial. E numa demonstração pública, que reuniu os Sindicatos dos Técnicos, dos Artistas e dos Trabalhadores do Filme, dirigiram-se em romagem ao Boulevard des Capucines, para inaugurar, no local onde se realizou a sessão, uma lápida de homenagem a Marey, Demenny, Reynaud, Lumière e Méliès, pioneiros do cinema.

Numa improvisada tribuna em plena rua, André Luguet, presidente do Sindicato dos Artistas, sublinhou que só medidas radicais poderão salvar a segunda indústria da França. «O nosso cinema — disse o intérprete de «O Espectro Verde» — necessita duma espécie de «super-penicilina».

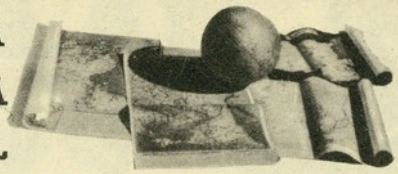
«Os oradores — diz-nos «L'Écran Français» — protestaram contra a supressão de créditos destinados às manifestações oficiais do cinquentenário. Como se sabe, uma comissão, que reunia personalidades do cinema e do mundo intelectual, havia elaborado um programa, do qual fazia parte uma Exposição destinada a atrair a Paris os cineastas do mundo inteiro. Manifestação de alta projecção cultural e de alcance comercial evidente.

«Mas o Govêrno — acrescenta o mesmo hebdomadário — que retém 52 % das receitas dos cinemas, quer dizer, dois biliões por ano — entendeu que não devia sacrificar os vinte e cinco milhões, que teria custado a Exposição. Política absurda — de que só mais tarde se verão as consequências».

Todos estes discursos foram proferidos perante grande assistência de personalidades do meio cinematográfico e de curiosos, que resistiram galhardamente à chuva, que não cessou de cair — como se a natureza quisesse fazer também obstrucionismo...

Ana Sten, há tanto tempo ausente das nossas telas, acaba de interpretar, ao lado de Kent Smith (que vemos, com ela, nesta foto), o filme «Três Raparigas Russas», um episódio da guerra na frente leste e da resistência do povo ao invasor.

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL



POR CARLOS FERRÃO

CAPÍTULO XXX
As conferências interaliadas

Roosevelt e Getúlio Vargas

DEPOIS da exposição feita pelo Presidente Roosevelt aos representantes da Imprensa em Argel, usou da palavra o Primeiro Ministro Churchill, o qual afirmou que estava plenamente de acôrdo com a expressão «rendição incondicional» que aquele empregara. Como Roosevelt, Churchill entendia que aquela deveria ficar sendo a designação da Conferência de Casablanca. Churchill estava igualmente confiado em que do encontro entre os generais Giraud e De Gaulle sairia um entendimento proveitoso para a causa dos Aliados e para os interesses da França.

A declaração conjunta, firmada por De Gaulle e Giraud, que dava conta das conclusões a que haviam chegado nas conversações que tiveram, dizia o seguinte: «Encontrámo-nos e conversámos. Constatámos que nos encontramos de acôrdo quanto aos fins a atingir, que são, fundamentalmente, a libertação da França e o triunfo a que, com a derrota do inimigo, aspiram todos os povos. Estes fins serão alcançados pela união de todos os franceses que estão decididos a lutar ao lado dos nossos aliados».

De Casablanca, o Presidente dos Estados-Unidos seguiu para a Libéria, em cuja capital, Monrovia, passou revista às forças americanas que ali haviam desembarcado, como já fizera em relação àquelas que se encontravam no Norte de África. Em Monrovia, Roosevelt avistou-se demoradamente com o presidente da Libéria, Barclay, a fim de serem estudadas as medidas a adoptar no Atlântico ocidental para fazer face ao incremento da campanha submarina.

Estas conversações revestiram-se de incontestável importância, numa altura em que os alemães fiavam sobretudo do incremento da acção submarina no Atlântico norte e ocidental o êxito da sua acção. Doenitz substituira Raeder no comando supremo das forças navais do Reich, e esse facto coincidira com um crescendo notável da campanha dos submarinos contra a navegação inglesa e americana, de cuja eficácia, em última análise, dependia a vitória aliada na guerra.

A VISITA DO PRESIDENTE ROOSEVELT AO BRASIL E O SEU ENCONTRO COM GETULIO VARGAS

O Presidente dos Estados-Unidos seguiu de avião de Monrovia para o Brasil, atravessando o Atlântico. Em 28 de Janeiro encontrou-se com o Presidente Getulio Vargas, com quem tratou os diversos aspectos da participação brasileira no conflito, da situação na América do Sul e da campanha submarina. Desse encontro, realizado no Rio de Janeiro, resultou um comunicado oficial que dizia:

«Os dois Presidentes encontraram-se e conferenciaram largamente sobre os problemas de ordem geral suscitados pela guerra e, de maneira especial, ocuparam-se daqueles que dizem respeito à cooperação entre os Estados-Unidos e o Brasil para o esforço de guerra. O Presidente Getulio Vargas informou pormenorizadamente Roosevelt do incremento da campanha submarina no litoral brasileiro e da actividade que, para fazer face a esse perigo, estavam desenvolvendo as forças navais e aéreas do seu país. O Presidente Roosevelt pôs Getulio Vargas ao corrente dos resultados da Conferência de Casablanca. Foram encaradas as medidas a tomar no futuro, de forma a evitar novas agressões armadas das potências do Eixo.

Estabeleceu-se, nestas conversações, um acordo completo quanto a acção comum a desenvolver em relação à África Ocidental. De futuro não será possível consentir que Dakar volte a constituir uma ameaça para a integridade do continente americano, quer por meio de invasão, quer por meio de bloqueio.

O encontro do Rio de Janeiro forneceu uma excelente oportunidade para estabelecer as condições em que deve ser, de futuro, organizada a segurança do continente americano. Nessa segurança encontram-se igualmente interessadas todas as nações do hemisfério ocidental. A sua unidade será o melhor elemento para fundamentar a sua força. É objectivo comum dos Estados-Unidos e do Brasil libertar, para sempre, o Atlântico. Sentimo-nos muito gratos pelo auxílio quase unânime (esta alusão devia entender-se com a Argentina) dos nossos vizinhos à causa da democracia e ao seu triunfo em todo o mundo».

Entre as consequências imediatas deste encontro registou-se, em 7 de Fevereiro, a decisão tomada pelo Brasil de dar a sua adesão à Carta do Atlântico e à declaração comum das Nações Unidas, ao mesmo tempo que se declarava em estado de guerra com o Japão.

DECLARAÇÕES DO PRESIDENTE DOS ESTADOS-UNIDOS À SUA CHEGADA A WASHINGTON, DE REGRESSO DE CASABLANCA

No dia 31 de Janeiro, o Presidente Roosevelt, acompanhado pelos seus colaboradores, chegou à Flórida, e no dia seguinte a Washington. Em 2 de Fevereiro recebeu, pela primeira vez depois do seu regresso, os representantes da Imprensa, aos quais fez declarações de incontestável interesse sobre a Conferência de Casablanca e os seus resultados imediatos e distantes.

«A Conferência — disse ele — foi essencialmente um encontro para tratar assuntos de ordem militar e concertar os planos para ganharmos a guerra. Esses planos foram preparados em todos os seus pormenores e os nossos Estados-Maiores chegaram a completo acordo quanto às condições em que eles devem executar-se. Ao mesmo tempo resolvemos não aceitar nem assinar qualquer armistício com os nossos inimigos».

Em seguida, o Presidente referiu-se ao encontro dos generais Giraud e De Gaulle, afirmando que o primeiro lhe prometera liquidar, o mais ràpidamente possível, as divergências existentes entre ele e De Gaulle, acrescentando que não tinha nenhuma ambição que não fosse a de derrotar os alemães. A propósito informou que as forças de Giraud e Leclerc, que operavam no Norte de África estavam em vésperas de fazer a sua junção, o que representava um belo êxito para a França e para o seu exército.

Referindo-se à ausência da Rússia e da China das deliberações de Casablanca, Roosevelt disse que o primeiro daqueles países não se encontrava em estado de guerra com o Japão, e que a China, embora tivesse declarado guerra à Alemanha, não enviara forças suas para tomarem parte na luta que estava a travar-se na Europa.

Descrevendo a sua viagem ao Brasil, pôs em relevo a importância dessa viagem, revelando que os brasileiros construíam já contratorpedeiros nos seus estaleiros e que iam ser-lhes fornecidos mais materiais a fim de que pudessem colaborar activamente na campanha anti-submarina.

AS CRITICAS FEITAS NOS ESTADOS-UNIDOS ÀS DECISÕES DA CONFERÊNCIA DE CASABLANCA E À POLITICA DO PRESIDENTE

A imprensa inglesa e americana não tardou a publicar referências largas e pormenorizadas sobre a Conferência de Casablanca e o fundo real das combinações que nela tinham sido feitas. Nos Estados-Unidos, as críticas à atitude do Presidente começaram a surgir e a subir de tom ao mesmo tempo que as revelações feitas constituíam o motivo de uma violenta campanha conduzida por parte da Imprensa norte-americana contra a Grã-Bretanha e os seus dirigentes.

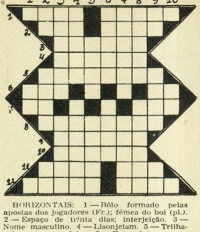
Estas críticas incidiam sobretudo contra a ideia que o Presidente aceitara deliberadamente e que constituía o fundo de toda a estratégia concertada em Casablanca, de que o Reich era o principal inimigo dos Estados-Unidos. Os críticos de Roosevelt voltavam à carga com a guerra do Pacífico e proclamavam que o principal inimigo do seu país era o Japão, apontando a estratégia de Casablanca como uma concessão de importância capital feita à Grã-Bretanha e aos seus interesses. Só a Grã-Bretanha, diziam esses críticos, directa e imediatamente beneficiaria da aplicação de uma estratégia que a libertaria do seu principal inimigo, o Reich, deixando para depois a continuação da guerra no Pacífico, cujo pêso total viria a ser suportado pelo povo americano.

Os acontecimentos demonstraram, mais tarde, como eram infundadas as razões e as suposições aventadas por esses críticos, e como a estratégia de Casablanca foi a primeira e a mais valiosa condição da vitória aliada. Se as forças norte-americanas se houvessem dispersado, é quase certo que a Alemanha não teria sido derrotada tão cêdo, e que a resistência do Japão poderia prolongar-se indefinidamente, ou pelo menos por um prazo suficientemente largo para obrigar as nações anglo-saxónicas a aceitarem uma paz de compromisso no Extremo-Oriente, a qual seria a consagração atenuada dos motivos que haviam explicado a agressão nipónica.

(Continua)

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 53



HORIZONTAIS: 1 — Dólo formado pelas apostas dos jogadores (Pl.); fêmea do boi (pl.). 2 — Espaço de trinta dias; interjeição. 3 — Nome masculino. 4 — Lisonjeiam. 5 — Trithárei com gramadeira. 6 — Ecoa; letra grega. 7 — Atmosfera; arrás. 8 — Imputava falta ou crime a. 9 — Vento brando. 10 — Mortífica. 11 — Grande pedaço de pão; juntel. 12 — Acontecimentos; compartimento de uma casa.

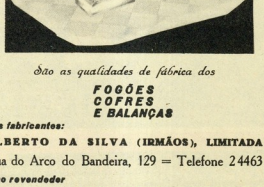
VERTICAIS: 1 — Apeldo. 2 — Indivisível; malogra; abrev. de nada. 3 — Molestara; enxêrga (pl.). 4 — Engenhosa; cova. 5 — Fogo; receptáculo de couro ou pano, aberto em cima e cosido no fundo e lados. 6 — Pelxe do Algarve; feijão verde. 7 — Provera de armamento; tempo do verbo ver. 8 — Nata do leite; ramagem. 9 — Em partes iguais; ralvas; medida chinesa (inv.). 10 — Artigo (pl.).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 52

HORIZONTAIS: 1 — Catasta. 2 — Piar; alto. 3 — El; cútis; am. 4 — Tebas; acórl. 5 — Ro; sustc; rs. 6 — Oia; dás. 7 — Lá; areia; fó. 8 — Iguel; cifar. 9 — Tl; rolar; rl. 10 — Ea; ao. 11 — Coector.

VERTICAIS: 1 — Petrolite. 2 — Ileologia. 3 — Cá. 4 — Arcas; aéreo. 5 — Usuário. 7 — Iatrica. 8 — Tacu; airão. 9 — Al. 10 — Tarrafara. 11 — Omissório.

Solidez e boa apresentação



são as qualidades de fábrica dos

FOGÕES COFRES E BALANÇAS

Dos fabricantes:

ALBERTO DA SILVA (IRMÃOS), LIMITADA

Rua do Arco do Bandeira, 129 = Telefone 24463

e no revendedor

JOSÉ DA SILVA & IRMÃO, LIMITADA

Rua dos Correeiros, 105 e 107

PASSATEMPO

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

Tôda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês Sá da Bandeira, 108, 3.º — LISBOA

XADREZ

PROBLEMA N.º 24

Por A. Ferreira da Silva

(B. P. X)

2x

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 23

1. D—b6. 4 auto-obstruções: 1. d6, d5, B—e6, C×f4.

JÔGO DE PALAVRAS

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 1

1 — Decair. 2 — Decéfala. 3 — Deca. 4 — Decrépito. 5 — Decidir. 6 — Decrepção. 7 — Declamar. 8 — Decálogo. 9 — Decéro. 10 — Decorar.

VEJA SE SABE — *Solução*

1 — Chá-rabadilha. 2 — Alcatra. 3 — Pojadouro. 4 — Rabadilha. 5 — Lombo. 6 — Aba. 7 — Ierna. 8 — Badana. 9 — Aba carregada. 10 — Asém. 11 — Perna. 12 — Pá. 13 — Lombo. 14 — Cachaço. 15 — Facetra.

DAMAS

(Secção espanhola)

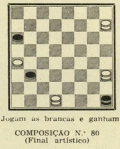
Orientador: Dr. Carlos R. Lafora (Espanha)

1.º CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMISTAS DE «DAMAS»

COMPOSIÇÃO N.º 79 (Final artístico)

«La Provincias, 21/6/945 (Las Palmas — Espanha)

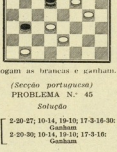
Lema: «Glória»



Jogam as brancas e ganham.

COMPOSIÇÃO N.º 80 (Final artístico)

Lema «Luditeno VI»



Jogam as brancas e ganham.

(Secção portuguesa)

PROBLEMA N.º 45

Solução

3-6 { 2-20-27; 10-14, 19-10; 17-3-16-30: Ganham
2-20-30; 10-14, 19-10; 17-3-16: Ganham

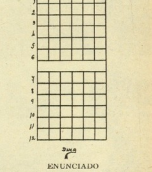
RECTIFICAÇÃO

A solução do problema n.º 44 saiu truncada, pelo que a rectificaremos no próximo número.

PILHA DE PALAVRAS

PROBLEMA N.º 6

(Dedicado por Armando Nogueira à Lola)



3ºs

ENUNCIADO

1 — A parte interna. 2 — Bastar. 3 — Espero. 4 — Tumor de natureza maligna. 5 — Espiga de milho atrofiada, com poucos grãos. 6 — Que tem duas flores. 7 — Bitola. 8 — Retexar. 9 — Rodelia. 10 — Osso. 11 — Espertar. 12 — Divisão territorial da Índia.

Resolvido êste problema, encontrar-se-á na coluna (X) o nome de uma grande estrêla do cinema americano.

HIEROGLIFOS

Por Armando Nogueira

(Dedicados a Moli)

NOTA NOTA MÁGUA

Mala 24 h.

Eclipsado TA 50

Atenção — Para a composição destes hieroglifos foi usado o dicionário Tortinha.

CORRESPONDENCIA

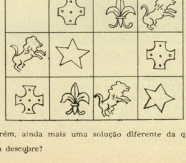
Filipe José da Silva — Agradecia que me remetesse a sua morada.

Luís Fernandes — Idem.

OS AZULEJOS

Como se vê, não há uma única figura repetida na mesma linha, nem vertical, nem horizontal e nem diagonalmente.

O único solucionista, a quem por esse motivo endereçamos muitos parabens, foi o sr. Alberto Ferreira da Mota, de Cascais.



Há, porém, ainda mais uma solução diferente da que hoje publicamos.

Quem a descobre?

CHURCHILL E SUA ESPOSA, A BORDO DO COMBÓIO ESPECIAL QUE OS CONDUZIU A MIAMI FLORIDA, ONDE FORAM PASSAR UMAS FÉRIAS A CONVITE DO CORONEL FRANK CLARK.

(Serviço «International News Photos» exclusivo para «Vida Mundial Ilustrada»

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA EMENDA, 69 2.º — LISBOA — TELEFONE 2 5844
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
OFICINAS GRÁFICAS BERTRAND (IRMÃOS), LTD.
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27